

Pontifícia Universidade Católica

Comunicação Jornalística - Jornalismo Cultural

Romulo Vitor Baptista Braga

Os Anos de Aprendizado de William Dias

São José dos Campos, 2015.

Romulo Vitor Baptista Braga

Os Anos de Aprendizados de William Dias

São José dos Campos, 2015.

Nota descritiva e objetivo do trabalho

O objetivo desse trabalho é contar a história de uma experiência concreta com a Filosofia nas dimensões de estudo, docência e autoria de livros. Essa experiência será contada por meio de diálogos reflexivos entre o personagens e interlocutores sobre cada um desses temas.

Orientador: José Tadeu Arantes

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, que me apoiaram em minhas escolhas. À minha noiva, que esteve sempre ao meu lado. Também dedico a professora Rachel, que me deu incentivo para que fosse realizado da presente maneira. E ao professor José Tadeu Arantes, que o compreendeu e o acolheu.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a contar uma história sobre uma experiência com a Filosofia na esfera dos estudos, da docência e na escrita. Para tanto, contará a história de William Dias, de como e porque ele se interessou pela Filosofia, como se procederam seus estudos, seus caminhos, seus erros, seus acertos e as descobertas que experimentou durante essa trajetória.

ABSTRACT

This study aims to tell a story about an experience with philosophy in the sphere of studies, teaching and writing. To do that, tells the story of William Dias, of how and why he became interested in philosophy, how proceeded his studies, paths, mistakes, successes and discoveries that he experienced during this trajectory.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	3
RESUMO	4
SUMÁRIO.....	5
INTRODUÇÃO	6
Livro I.....	7
Capítulo 1 - Por que você vai fazer isso?	7
Capítulo 2 – Sofia e Apologia de Sócrates.....	9
Capítulo 3 - Mas você vai viver disso?	16
Livro II.....	19
Capítulo 1- O curioso caso da Filosofia na Universidade.	19
Capítulo 4 - Filosofia: Um trabalho com textos.	23
Livro II.....	28
Capítulo 1 – Filosofia na sala de aula	28
Capítulo 2 – Escrevendo livros didáticos.	42
Livro III.....	56
Capítulo 1 – A sabedoria dos modernos: Comte-Sponville e Luc Ferry.....	56
Capítulo 2 – As limitações do texto	66
Capítulo 3 – Isso foi apenas o começo.....	73
Capítulo 4 – Como, então, tornar-se filósofo?.....	79
Livro VI.....	84
Capítulo 1 – Conclusão em duas partes. Diálogo consigo mesmo. Parte I.	84
Capítulo 2 – Conclusão em duas partes. Diálogo consigo mesmo. Parte II.	94
BIBLIOGRAFIA.....	96

INTRODUÇÃO

Por que uma história com diálogos e não uma série de artigos, uma dissertação ou mesmo um ensaio? Pois todos esses formatos, ainda que possuam suas respectivas vantagens, talvez não sejam os mais adequados para dar suporte a dois pontos que o trabalho se propõe a trabalhar. O primeiro ponto é o desejo de transmitir justamente o caráter de processo das reflexões. Onde um artigo e uma dissertação e, até certo ponto, um ensaio, mostram os resultados acabados, a história caracteriza-se justamente por poder formatar um processo de transformação tanto do personagem quanto do conteúdo com os quais esse último se relaciona. O segundo ponto dessa escolha deve-se a tentativa de ilustrar a experiência com a Filosofia vivida por um sujeito concreto. Assim, não é uma história de ideias. Mas a história de como uma pessoa compreende as ideias Trata-se, portanto, de ilustrar a experiência com a Filosofia, em sua base existencial.

Deve ficar claro que o caráter subjetivo dos temas é uma constante. Isso não quer dizer que se resume a essa subjetividade. Mas, ao contrário, conta a história de como essa subjetividade lutou para conhecer temas objetivos, tentando superar a fronteira de seus próprios limites. Ainda que apresentando resultados sempre parciais, tais resultados estão além das posições iniciais. E é justamente nesse “além” que reside o enriquecimento da experiência.

Em resumo, o conteúdo do livro permite conhecer um pouco mais de Filosofia, de seu estudo na Universidade, de sua prática na docência e na autoria dos livros. E tais conteúdos possuem caráter introdutório e alusivo à outras obras. Dessa maneira, esse trabalho também cumpre o papel de uma modesta divulgação e de apologia à Filosofia.

Livro I

Capítulo 1 - Por que você vai fazer isso?

Em um dia comum, comum como tantos outros até aquele momento do início da década de 2000, a irmã do meio chega até porta do quarto do irmão caçula pronta para fazer uma pergunta.

- Você tem certeza?

Esse estava sentando em sua escrivaninha, lendo, e virou-se devagar para responder. Mais uma vez, como muitas vezes naquele tempo e também no futuro, sua voz emudeceu. Não conseguiu responder com convicção. Dar uma resposta direta poderia soar um tanto atrevido, possivelmente vaidoso, até mesmo um pouco ridículo e, enfim, impassível de compreensão, tanto para ele quanto para ela. Em resumo, não conseguia sequer pronunciar uma resposta. Então, soltou uma pergunta:

- O quê?

- Por que você vai fazer isso?

Estava encurralado. Procurou algo que pudesse lhe ajudar. Voltou-se para o livro que estava lendo. Havia acabado de passar o olho por uma frase do filósofo inglês David Hume (1711-1776) que, ao ser perguntado porque se dedicava à Filosofia, respondeu dizendo que sentia “uma insuperável aversão a tudo, menos à Filosofia e à erudição”. Aquilo conseguia traduzir em parte o que pensava e sentia sobre esse assunto. Principalmente a palavra aversão. Pois era com uma um terrível e repugnante tédio que o William Dias encarava ideia de viver uma vida sem.... Sem o quê mesmo?

Entretanto, dar essa resposta de Hume para responder à irmã seria muito acachapante. Seria assumir de forma explícita algo que ainda soava um tanto quanto excêntrico para ele. Mesmo porque, os motivos não estavam tão claros em sua mente. Era como se eles morassem somente em um setor de sua consciência, de modo a deixar o rapaz em dúvidas se eram verdadeiros cidadãos de sua mente ou se eram apenas estrangeiros passageiros sem direito ao voto. Em outras palavras, tais motivos poderiam ser mais uma ilusão, fruto de um desejo,

do que propriamente uma argamassa para uma decisão sólida. William Dias era, como uma das partes principais de sua natureza, um desconfiado de si mesmo.

Apesar disso, e ainda que William mantivesse quase em total segredo suas motivações até para si mesmo, havia algo curioso sobre a natureza dessas. Elas, apesar de soarem difusas, quando recebiam o foco do olhar de William apresentavam-se algo tranquilas e naturais. Sim, naturais. Nem mesmo excêntricas. E quando isso acontecia, isto é, quando era questionado sobre suas motivações assim de forma tão inescapável, William sabia que era preciso, ao menos, defender a naturalidade ocasional daquelas motivações. Mas, não conseguia. Não conseguia defender sua posição de forma natural e tranquila. Ao invés disso, disse algo envergonhado, algo nervoso:

- Tsc. Porque eu gosto, ué. Porque eu quero.

A irmã não pareceu se convencer, claro. Nem ele. A pergunta o perseguia. E William não se deixava dar uma resposta clara. Pois era preciso decidir o que fazer após a término do Ensino Médio. Mas o que fazer, em primeiro lugar. E por que você foi escolher justo Filosofia? Ora, William sabia que poderia responder a segunda pela primeira. Por que Filosofia? Porque foi o curso que escolhi fazer ao sair da escola. Não era para ter escolhido algo? Pois bem, escolhi.

“Mas, por que Filosofia?”

De volta a Hume. Aversão à tudo que não fosse conhecer. E viver uma vida pelo conhecimento. Afinal não se pode ficar no Ensino Médio para sempre. Não se pode? Não, não se pode. Se seguir em frente era inevitável o que poderia mantê-lo protegido da “insuperável aversão a tudo”?

“Mas, por que Filosofia?” insistia a irmã.

Ela fazia em voz alta a pergunta que ele fazia para si mesmo, dentro de sua mente, quase sem palavras. Deixava tanto a pergunta e resposta guardadas naquela parte quase escondida de sua mente, mas, que quando olhada de frente, era tranquila e natural. Era preciso mais vezes olhar de frente esse par de pergunta e resposta.

Capítulo 2 – Sofia e Apologia de Sócrates

Ou seja, William não respondeu aquela questão naquele momento. Ao invés disso, tentou-se lembrar de onde havia tirado aquela ideia de fazer Filosofia.

Nos últimos dias do Ensino Médio colegas de escola de William se reuniram em sua casa para comemorar o fim das aulas e traçar planos para as férias. Depois que todos foram embora, William ficou a sós com uma amiga mais próxima. Não se lembra exatamente como começou o assunto, mas nessa conversa William foi tentar responder a questão que lhe fora feita pela irmã.

E, então – perguntou a amiga – como isso foi acontecer?

- Diria que um dos primeiros contatos com a Filosofia foi por meio de *O Mundo de Sofia*¹. O livro estava numa estante na casa de meus pais. E por um bom tempo ficou ali sem ser notado.

- Eu conheço. Comecei a ler, mas fiquei com preguiça de terminar.

- Pois é. Achei que eu fosse ficar com preguiça também. Mas, li o livro todo em uma ou duas semanas. Eram férias de julho. Eu caminhava pelas manhãs e lia no meio da tarde até o início da noite.

- Poxa, você gostou mesmo dele, então.

- Sim, mas principalmente do início do livro. O principal motivo de meu interesse, fui percebendo aos poucos, não era exatamente a história da Filosofia. Não que ela não fosse interessante e muitas vezes admirável e inspiradora. Mas, o que ficou muito marcado foram as motivações que levaram Sofia a sair da prisão do cotidiano. Logo no início do livro, Sofia, que não tinha muita certeza se o ser humano era apenas uma máquina complexa, recebeu uma carta, onde estava escrito “Quem é você?”. Assim, sem tergiversar. De maneira súbita, isso fez Sofia se perguntar algo tão profundamente básico que, sem perceber, ela já estava fisgada pela luz que se ascendeu dentro de sua própria alma.

- Alma, William?

¹ Romance escrito pelo norueguês Jostein Gaarder, publicado em 1991.

- Bem, é o que penso sobre isso nesse momento.

- Tá, e daí? – apesar de ter se disposto a ouvir o amigo, a garota não conseguia evitar de achar aquela conversa um pouco forçada cuja urgência era um pouco exagerada. Além disso, os dois poderiam ir ao cinema.

- E daí que... Ora, que luz era essa que se ascendeu senão a própria alma de Sofia?

- Certo.

-Certo. Senti assim que o início do livro me atraiu por me colocar imediatamente diante do mistério do ser e da necessária busca por si mesmo, que eu julgo estar de acordo com minhas próprias necessidades vitais.

- Minha nossa, William. Que necessidades vitais são essas?

- Esse é exatamente o problema. Eu não consigo expor de forma clara e confiante. Por isso, agora entendo, que fiquei quieto diante da pergunta de minha irmã. Mas, conforme ia lendo, aquelas necessidades iam aos poucos tomando forma.

- E que forma? – sorriu a amiga complacente. Para ela, os olhos de William nunca estiveram tão redondos e acesos.

- Vamos por partes. Acompanhei com interesse os assuntos abordados pelos filósofos durante o livro. Achei interessante ser capaz de compreender certas “profundidades” em forma de texto, em comparação com meu martírio em Física e em Química. Mas...

- Mas?

- Mas houve uma exceção com meu entusiasmo com o livro. Mas, acho... Não sei. Talvez não seja tão importante.

- Diz aí.

- Bem, se o autor havia conseguido mostrar de forma mais ou menos clara a possibilidade real de busca por sabedoria, suas próprias considerações finais sobre parapsicologia, telepatia, clarividência, espiritismo, astrologia, ufologia, etc., li tudo isso com uma ligeira decepção. Não que pensasse que a Filosofia deveria também tratar de ufologia, por exemplo, mas principalmente pela maneira pela qual o autor do livro abordou

esse e outros temas. Todos esses temas são colocados dentro de uma mesma categoria de “bobagem”. Dentre esses temas, o autor (ou o personagem) parece ter especificamente no Espiritismo uma predileção específica, pois fazia questão de explicar a Sofia que um médium não passaria de um mediador entre o consciente e o inconsciente. Isto é, as manifestações espíritas não passariam de uma organização consciente dos produtos do inconsciente. Em outras palavras, Freud bastava para descartar o Espiritismo.

- Você não se incomodou com isso porque teve uma educação espírita? – perguntou a amiga pensando ter encontrado a resposta definitiva para o assunto, de modo a encerrá-lo e arrastar William e seus olhos para o cinema.

- Pode ser. Mas, veja. Estou tentando lhe responder e responder para mim mesmo porque escolhi fazer Filosofia. Minha decepção pelas conclusões pessoais do autor é causada em parte porque foi justamente também o Espiritismo uma das coisas que me levou à Filosofia.

- Ah, é, é?

- É. Esse ensino em geral, e uma passagem em particular foi como uma flecha em chamas na minha mente. Li no Evangelho Segundo o Espiritismo: *O homem não possui de seu senão o que pode levar deste mundo. O que encontra ao chegar, e o que deixa ao partir, goza durante a sua permanência na Terra; mas, uma vez que é forçado a abandoná-lo, dele não tem senão o gozo e a não posse real. Que possui ele, pois? Nada daquilo que é para uso do corpo, tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais*². [...]

- Chamou-me muita a atenção – continuou William - certas expressões, tais como “posse real”. Para mim, uma constatação filosófica. E quando li esses três bens verdadeiros: inteligência, conhecimento e qualidades morais, isso convergia em parte para o mesmo lugar que ia a frase de Hume, a aversão à tudo aquilo que não fosse aquisição de conhecimento.

² Eis o restante da citação: “[...] eis o que traz e o que leva, o que não está no poder de ninguém lhe tirar, o que lhe servirá mais ainda no outro mundo do que neste; dele dependo ser mais rico em sua partida do que em sua chegada, porque daquilo que tiver adquirido em bem depende a sua posição futura. Quando um homem vai para um país longínquo, compõe a sua bagagem de objetos usáveis no país; mas não se carrega daqueles o que lhe seria inúteis. Fazei, pois, o mesmo para a vida futura, e fazei provisão de tudo o que poderá nela vos servir”. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 353ª edição. Araras, IDE, 2008. Pg. 160, 161.

Esse ensinamento fortaleceu minha posição diante da Filosofia, ajudou-me a encontrar mais uma fonte de direção, indicou-me uma realidade da qual eu não poderia escapar e que, portanto, eu deveria estar preparado.

A amiga silenciou diante daquela clareza de expressão. Não pensou mais no cinema por alguns segundos. William também ficou um pouco consciente do que acabara de dizer. Fico em silêncio por um pequeno espaço de tempo e continuou:

- Diante disso, é claro que me decepcionou a facilidade com que o autor descartou o Espiritismo. Não que eu pense que tal deva ser aceito indiscutivelmente como verdadeiro. Mas, a facilidade do descarte não parecia estar de acordo com toda a dificuldade dos procedimentos filosóficos que a história do livro tanto se esforçou para ensinar.

- Entendo.

- Pois é. Apesar disso, é possível que eu esteja exagerando. Ainda assim, sobre as outras áreas, tais como parapsicologia, astrologia e ufologia, o autor não tece contra argumentos, com exceção daquela que diz que para fugir da “monotonia de sua vida cotidiana” as pessoas anseiam por algo “místico”. Assim o anseio para sair da vida cotidiana, que era justamente o ponto inicial do livro, não pode ser realizado em nome de coisas “místicas”. Penso que o autor tem uma certa razão nesse raciocínio. Mas, ao mesmo tempo me parece um tanto equivocado partir da premissa de que temas considerados absurdos possam ser tratados e descartados como místicos. Eu nem sei direito o que significa ser “místico”. Parece-me que esse descarte precipitado é uma falta de espírito científico mesmo, nesse caso. Voltando ao Espiritismo, o caso de uma médium que em transe mostrou conhecimentos e habilidades em hebraico, foi-se descoberto que ela tinha, quando criança, uma babá judia. A personagem de Sofia sente-se decepcionada. Seu professor responde dizendo que não é espantoso a capacidade de armazenar conhecimentos no inconsciente durante tanto tempo? Sofia limita-se a responder “Entendo o que quer dizer”.

A amiga fez uma cara de quem gostaria de fazer uma pergunta, mas que não sabia exatamente que pergunta era essa. Intuitivamente William se apercebeu desse fato e adiantou-se:

- Se você me perguntasse, penso que essa é uma situação *suis generis* sobre a qual não sei identificar o grau de importância. É curioso...

- O que é curioso exatamente? – perguntou sincera.

- É curioso que se o livro me ajudou a compreender a busca pela sabedoria, também me fez entrar em contato as conclusões particulares de um filósofo. Pois esse livro, além de ensinar que a Filosofia é uma busca por sabedoria, contém também os resultados parciais da busca do próprio autor. E isso era curioso. Não sabia dos outros filósofos, mas penso que nesse caso a segunda não fez jus a primeira.

Os dois ficaram em silêncio.

- De qualquer maneira, penso que estou na pista. Mas, obviamente esse não foi o único livro que li. Depois dele, continuei a buscar outros livros sobre o assunto para organizar minha cabeça. Foi quando comecei a ler *Apologia de Sócrates* de Platão.

*

Encontrei o livro na bonita coleção na bonita coleção dos Pensadores comprada por meu pai, sabe-se lá por que. Li o livro em uma semana e depois reli alguns trechos que não havia entendido direito. E realmente não entendi muito bem. Mas, em minha cabeça, mais pistas foram surgindo.

O pequeno livro não fora escrito por Sócrates, mas por dois de seus discípulos e um adversário, respectivamente Platão, Xenofonte e Aristófanes. Logo no começo uma frase de Sócrates me chamou a atenção: “*Desconheço, ateniense, que influência tiveram meus acusadores em vosso espírito, quase me fizeram esquecer quem sou, tal o poder de persuasão de sua eloquência. De verdades, porém, não disseram alguma*”³.

- “*quase me fizeram esquecer quem sou*”. Percebe? Era clara a relação dessa frase com uma das perguntas que move a Filosofia: “quem eu sou?”.

- Por que essa pergunta é tão importante? – perguntou a amiga, parte desconfiada, parte irritada.

- Realmente é uma frase simples, que parece não querer dizer muito, que pode ser repetida infinitamente sem grandes consequências. Três palavras que soam vazias, de fato, se não existir a vivência que elas encerram. Quando acusam Sócrates de sofista isso o faz

³ Platão. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. Pg.39.

esquecer quem ele é (ao menos por algum momento) por meio da eloquência. Em outras palavras, seus detratores criaram uma sofisticada imagem discursiva que tenta sobrepor-se à alma do filósofo. Isto é, uma construção eloquente cujo objetivo é fazer a alma se apequenar, desvanecer, enfim, ser esquecida pela consciência.

- Ele está sendo julgado?

- Sim. Foi julgado, condenado e morto. Acusações de corromper a juventude e de não crer nos deuses da cidade. Você pode se perguntar porque acusam Sócrates de corromper a juventude?

- Por que acusam Sócrates de corromper a juventude? – repetiu a amiga abrindo um sorriso divertido.

- Porque os jovens que espontaneamente acompanham Sócrates começam também a interrogar os falsos sábios da cidade. “Corromper os jovens” significa dizer que esses estão sendo transformados em filósofos. Aliás, como se esses detratores de Sócrates realmente estivessem interessados na educação dos jovens. Assim, Sócrates é acusado porque confronta os pretensos sábios da *pólis*: os poetas, os políticos, oradores e os artesãos.

- Poxa, mas isso não faz de Sócrates um cara meio chato? Quer dizer, não dá para buscar a Verdade o tempo todo. Deve-se viver também.

- Claro, sim. Mas, acho que não é bem isso. Acho que o exemplo dado por Sócrates foi o seguinte: não desertar por medo da busca pela Verdade, mas assumir as consequências da escolha desse modo de vida. “*Temer a morte é julgar saber o que não se sabe*” diz Sócrates e aqui temos mais um exemplo dessa estranha coerência austera. “Se não parar com essa história de Filosofia, vai morrer” dirão seus acusadores. Mas, Sócrates não atua na própria defesa. Mas na defesa dos próprios juízes. Para evitar que esses cometam uma injustiça. A injustiça de não querer viver uma vida sem exame. E pior. De impedir quem vive, de vivê-la.

- Mas Sócrates não poderia viver filosofando sem necessariamente “corromper os jovens”? – perguntou a amiga.

- Não. Acho que não, pois viver essa vida implica comunicar o que se descobriu pelo caminho. Dizem os juízes: “*Não te envergonhas, ó Sócrates, de te haveres dedicado a uma ocupação que te põe agora em risco de morrer?*”⁴. Sabe qual foi a resposta de Sócrates?

- Não. Mas, posso imaginar.

William sorriu alegre dessa vez

- Resposta de Sócrates: não se deve considerar o risco de vida ao se tomar uma decisão. Deve-se perguntar se tal a ação é justa ou injusta. E aceitar as consequências. Não é demais isso?

A amiga riu mais uma vez com complacência.

- Aí você tem Sócrates diante do tribunal de Atenas. Sócrates dizendo com paixão e ao mesmo tempo com serenidade racional que a vida filosófica o trouxera até ali, diante dos senhores sábios da época, para ser julgados por eles. A vida filosófica o trouxera até ali e dela ele não poderia abrir mão. Nem mesmo se isso o levasse a morte. Eis aí uma experiência autêntica. Algo radical, porque assumido como verdadeiro. Não era da boca para fora que Sócrates estava ali. Entende?

- Compreendo.

Um estranho silêncio fez-se no ambiente. Mas, um silêncio mais notado por William, porque se fazia dentro de sua cabeça.

- É isso. – ele disse.

- É isso o quê?

- Já sei responder o que minha irmã me perguntou. Porque você vai fazer *isso*? Vai fazer Filosofia?

- E como responder a isso?

- Para ter uma experiência de vida autêntica.

- Como assim?

⁴ Idem. Pg. 54.

- O que me dá aversão? O que me dá aversão é a vida vivida da “da boca para fora”. Uma vida da “boca para a fora” era vida que não se assumia como vida. Era uma vida não autêntica.

Os dois mais uma vez ficaram quietos. William estava cansado. Cinema não seria uma má ideia naquele ponto.

Eis o que se passava em sua cabeça. O rapaz queria assumir responsabilidade moral da própria vida. Relembrava esse raciocínio e se acalmava. Um passo já havia sido dado. A partir de então, havia as decisões práticas a serem tomadas. Mas era um grande risco. E mais do que um grande risco, o rapaz pensou que se não tomasse a decisão de ter uma experiência autêntica de vida naquele momento, as portas se fechariam e ele então perderia a chance de tomar a decisão de ser quem ele queria ser. Sentia de forma difusa que era o momento da escolha moral de sua vida. Pensava que a partir daquela escolha seria traçado seus caminhos futuros. Não poderia haver erro, portanto. Não poderia haver hesitação, nem adiamento. Ou ele escolhia aquilo agora, ou a época de escolher passaria para, julgava então, nunca mais voltar.

Como isso se traduziria na prática? Bem, o primeiro passo, pensou William, é estudar essa coisa. Procurou então no guia do estudante qual era o ranking das melhores faculdades de Filosofia do país. Naquela época, o ranking do guia dizia USP. E prestar o vestibular para Filosofia na USP foi sua primeira decisão.

Capítulo 3 - Mas você vai viver disso?

Algumas semanas depois dessa conversa com a amiga William consegue finalmente voltou a conversar com sua irmã. Estavam na cozinha. Ele observava a água do café esquentar. Ela lhe perguntou, olhando para William, que estava de costas. Continuavam uma conversa.

- E a riqueza? – perguntou ela.

- A riqueza, bem, não sei. Não estou pensando nisso agora.

- Não se importa com a riqueza?

- Não estou dizendo que não me importo com a riqueza. Estou apenas dizendo que não penso nisso agora, *agora*, entende?

- Mas o que você vai fazer com isso? Quero dizer, em que você vai trabalhar?

Balbuciando, o rapaz respondeu:

-Muitas coisas. Posso trabalhar, dar aula, fazer pesquisa e, e....

- E o quê?

- Há... Em... Empresas que contratam filósofos para... hm...trabalhar...

- Como assim? Pra fazer o quê?

- Não sei! ... Para trabalhar, poxa! Você nem me espera terminar de falar. Para trabalhar, acho que numa espécie de consultoria.

- Hmm, sei. – respondeu a irmã, sem se convencer muito e sabendo, de alguma forma, que o irmão também não se convencera.

Sorrindo nervoso, o rapaz contorceu o maxilar. Quase fechou totalmente os olhos. Tentava respirar fundo, esperando que conseguisse digerir, organizar, entender o que estava rodopiando dentro de si. Isto é, reunia forças para tomar coragem e encarar os fatos. Quais fatos? O que iria fazer com aquela formação. Mas, não. Havia também outro fato. Outro que também precisava encarar. Esse outro fato, aliás, ele adorava encarar. Era o que chamava de “fato primordial”. Era o que o levara até aquele momento de sua vida. Era como uma luz que não se vê de frente, um guia invisível de uma presença quase esvoaçante. Com certeza não era material. E sem dúvida estava dentro dele. Mas todas as vezes que ele tentava olhar diretamente para “aquilo”, esse se deslocava imediatamente para fora de seu campo de visão.

Se William não olhava, “aquilo” se fazia presente. E em que lugar? Acima de sua cabeça, aos lados, atrás e, quando se encontrava na frente, era apenas no horizonte. Mas o lugar mesmo mais adequado era dizer que estava dentro. E estando dentro não haveria como olhar diretamente. Era preciso de tranquilidade para que essa “coisa” se aquietasse dentro dele, de modo que mesmo que se não fosse possível enxergá-la, seria possível perceber sua quente presença. Foi o que tentou fazer quando contorcia o maxilar, cerrava os olhos, respirava fundo. Depois de um tempo fazendo isso, não entrou exatamente num estado significativo de tranquilidade, mas foi o suficiente para dar uma resposta para irmã:

- Olha, você me pergunta porque eu vou fazer isso agora e o que farei depois. Você me pergunta sobre a riqueza. E a verdade é que me importo com a riqueza. E digo isso sem cinismo. Mas no momento não posso decidir com base nela. Ela será uma consequência de meu trabalho. Mas, a escolha desse trabalho, desse caminho, enfim, implica outro critério de decisão. O que decidi, decidi porque é o que preciso decidir agora. Se não decidir agora, será decidido por mim, acredito, e, então, eu perderia essa chance.

O rapaz não conseguia dizer. Mas essa “chance” era a coragem, ingenuidade talvez, ilusão, quem sabe, que sentia naquele momento para tomar aquela decisão. Não podia deixar passar aquele momento de intrépida tranquilidade, pois, se passasse, o faria tomar uma decisão que, julgava, o trairia para sempre.

A conversa foi encerrada ali. William prestou o vestibular para Filosofia em 2001. Entrou em seu primeiro ano de faculdade em janeiro do ano de 2002.

Livro II

Capítulo 1- O curioso caso da Filosofia na Universidade.

Era um estranho clima na qual estava imerso. Parecia um sonho. Como sonhar acordado. A palavra “sonho” aqui não está sendo usada como uma metáfora para a vivência de um desejo, que finalmente está se em realizando. Mas, como um aspecto de consciência adormecida, como se estivesse imerso em um ar caudaloso, que não permitia que sua lucidez funcionasse com razoável plenitude. Seminário. Era preciso fazer seminário. Seminário e a dificuldade do curso. Ambas as coisas fora suas primeiras impressões. O curso seria tão inacreditavelmente difícil, tão escandalosamente abstrato e tão esmagadoramente profundo que não valeria a pena estar ali por quaisquer motivos que não motivos muito sérios. O jovem pensou “ok”. Estou nessa com seriedade. Não haverá problemas. Correu para colocar o nome na lista do seminário.

As primeiras aulas foram em salas espantosamente lotadas e terrivelmente quentes. Sentava-se mais ou menos do meio para o fundo. Mal dava para ouvir a voz dos professores que, muitas vezes, não faziam uso do microfone.

Foi colocado imediatamente diante de Descartes. Seminário sobre *Questão de Método*. Já havia lido algo sobre Descartes, no *Mundo de Sofia* e em algum outro lugar. Mas, era preciso fazer seminário. Isso era uma certeza.

Quando foi ler Descartes notou duas coisas. Nada o havia preparado para ler um texto como aquele. Nem sabia que era possível tamanha dificuldade em uma leitura. Porém, numa mistura de ingenuidade e austeridade para com consigo mesmo pensava que se um ser humano havia escrito aquele texto, ele, William, como também era um ser humano (até que se provasse o contrário), poderia muito bem compreendê-lo.

Mas, não sem dificuldades. Teve a experiência de mais tarde, talvez no segundo ou terceiro ano, de gastar quatro horas para tentar entender seis páginas de um texto de Merleau Ponty, sem ter certeza se no final havia de fato compreendido o que lera.

Imediatamente jogado dentro de um texto, todo seu esforço era usado para compreender a chamada “ordem das razões” do autor.

Com o tempo, foi aprendendo a descobrir uma riqueza incomensurável que havia dentro de cada capítulo, cada parágrafo, cada frase e às vezes até em cada palavra. Nada era despropositado, diziam os professores. Cada frase conta. Ficava admirado com a eloquência clara e elegante de alguns professores. Mas, ficava desnordeado e como que hipnotizado com a abstração retórica de outros.

Com o tempo sabia exatamente, ou relativamente, dizer o que Descartes havia dito na segunda meditação metafísica.

Contudo, um estranho fenômeno acontecia. Quando saía da faculdade e seus amigos lhe perguntavam sobre o que certo filósofo estava falando, tinha uma profunda dificuldade em explicar sem usar todos o vocabulário que havia aprendido até então.

- Não vou conseguir te explicar. Seria preciso começar do início do pensamento desse pensador e ir dando sequência até o fim do argumento.

- Mas, você não pode me explicar com outras palavras?

- Não. Não posso. Isso seria trair o texto. Se o autor usou tal palavra é porque há uma razão para isso.

E a conversa geralmente acabava aí.

Um estranho vazio se apossava de William nesse sentido. Sentia de forma inusitada de que estudava estava bem distante da experiência imediata das pessoas. Isso é normal, pensava em seguida, pois as pessoas estavam mergulhadas em um senso comum. E durante anos essa ideia o confortava sem dar conforto. Quanto mais lia, mais entrava em harmonia com o texto; quanto mais entrava em harmonia com o texto, menos conseguia se livrar dessa harmonia para estabelecer vínculo com aqueles de vez em vez lhe perguntavam “o que você anda estudando?”; “o que a Filosofia pensa sobre tal assunto?”.

Conversando um dia com um colega de faculdade um pouco mais próximo, William tomou coragem para perguntar, em voz baixa e com certo desdenho proposital para disfarçar que realmente se preocupava com a pergunta:

- Às vezes, você não sente falta da busca pela verdade, pela sabedoria, sabe? Essas coisas?

O outro rapaz riu com uma ironia seca e orgulhosa. Tinha certeza que William estava sendo irônico também. Perder a ilusão de buscar a verdade não era somente um adendo, uma das consequências do estudo daquela Filosofia ali produzida, mas uma das, se a única, condição necessária mesmo para se estudar seriamente. Perder tal ilusão era como um rito de passagem, condição necessária (e talvez) suficiente para fazer parte daquele estranho grupo.

- Você aprenderá que isso é impossível. É um projeto antigo, já devidamente recolocado sob um novo status, como que relativizado a uma atividade crítica e histórica.

- Mas, o que isso quer dizer? perguntou William, um tanto quanto alarmado, mas fazendo força para parecer indiferente.

- Trata-se de conquistar uma erudição histórico filosófica. Poderíamos até pensar em usar tal erudição para uma produção de apologia e difusão da Filosofia fora dos círculos. Mas, é grande o risco de gerar apenas um superficialismo que não traduz o rigor necessário para a verdadeira Filosofia. Esse tipo de tentativa, sem dúvida, poderia ser julgado por meio de critérios críticos. No entanto, as motivações dessas críticas são problemáticas. Não se trata de julgar o livro pela qualidade de suas propostas. Isto é, de verificar se o mesmo conseguiu o êxito de divulgar a postura filosófica. Mas, trata-se de criticar as próprias bases da própria possibilidade de divulgação.

- Mas – William tomou coragem para responder – Isso não seria o mesmo que, se não de impedir totalmente no plano lógico, de erguer barreiras teóricas quase intransponíveis para a realização dessa empreitada? De modo que, para superar essas barreiras seria necessário um conjunto hercúleo de esforço na ingrata tarefa de se justificar diante de uma crítica que nem sequer quer lhe dar ouvidos? E mesmo quando se coloca prontamente para ouvir, o faz com aquela postura “didática” de quem tem tanta certeza de sua própria posição que aguarda pacientemente a digressão sobre o assunto para no final tecer a mesma resposta: “Não é bem assim. Vou te contar porquê.”?

- Olha, a situação é mais complicada do que isso. Você me diz da busca pela verdade. E você já deve ter aprendido aqui certas coisas. Apesar das reações serem variadas, aliás, como variadas são as posturas em relação a vários temas, nesse caso específico, há uma predominância do Sócrates de Nietzsche. Para o filósofo alemão, Sócrates, é um racionalista perigoso. Um filósofo bem intencionado para que fora incapaz de antever as “ilusões” da

metafísica, da razão, da estrutura em camadas desconhecidas da consciência, do papel importante da linguagem para as constituições dos conceitos. Não podemos pensar Sócrates sem pensar em David Hume, Kant, Hegel, Marx, Foucault, etc. etc.

- Então, os juízes estavam certos? – perguntou William, com um misto de ironia, cansaço e tristeza.

O rapaz riu com sarcasmo. William não soube se ele havia identificado apenas uma ironia, ou se ele percebeu seu desejo pela verdade ainda não totalmente desiludido. De qualquer forma, depois disso, William passou horas então se dedicando aos estudos. De três a quatro horas pela manhã, na biblioteca da Faculdade. Mais as quatro horas de aula pela tarde. À noite, sentia-se mental e fisicamente esgotado, com uma ansiedade louca para sair daquele lugar e voltar para seu apartamento.

Porque exatamente estudava era difícil dizer. Nem mesmo ele direito saberia explicar na época se fosse questionado sobre isso de forma direta, em voz alta, sem chance de escapar. Seus colegas também lidavam dessa mesma forma estranha. Para que estudar tanto? “Para preencher sua mente de tal maneira que não precisasse encarar essa questão de frente” respondia William para si mesmo. Outra resposta seria para adquirir tanta cultura filosófica que isso, por si só, de alguma maneira misteriosa, sem nome, lá na frente, iria lhe proporcionar “algo”. Ou seja, essa acumulação poderia se transformar em algo melhor do que a própria acumulação. Poderia ser uma ponte para algo “além,” talvez. William nem sabia mais que “além era esse”.

Quando se despedia dos seus colegas, dizendo, “Bem, vou lá estudar”. Alguns riam dizendo “Cuidado, vai ficar inteligente”. E ele ria também. Porque a inteligência não era a resposta. O estudo também não. Dedicar-se ao movimento estudantil também não. Formavam assim uma curiosa fraternidade de irônicos onde nada era dito de forma categórica (a não ser que fizessem parte de um movimento estudantil de esquerda). Ao menos, era isso o que diziam. Mas, também havia o que faziam. Ainda que nas discussões, por “coerência filosófica”, nenhum deles dizia abertamente que estudava por causa “disso” ou “aquilo”, na prática, estudavam para encontrar algum tema e, no futuro, conseguirem uma bolsa.

E isso era justo, pensava William. Mas, nem ao menos isso lhe era motivação suficiente. Primeiro porque a própria ideia de estudar “para conseguir uma bolsa” era-lhe aflitiva. Segundo, porque não conseguia encontrar um filósofo, um só único (muito menos

um tema específico desse filósofo) a qual deveria se dedicar por muitos anos. Terceiro, isso tudo implicava conseguir contato com os professores. Estabelecer uma relação qualquer em ordem de conseguir a aprovação de uma bolsa. Mais uma vez, quando William pensava nisso não via nada demais, mas uma sensação, quase física mesmo, tornava a decisão de agir assim muito, muito difícil. De modo que ele foi postergando-a. Enquanto estudava e estudava...

Mas a questão o perseguia. Às vezes em voz baixa. Às vezes mais alto. De vez em quando ele mesmo a dizia em voz alta, mais uma vez para seus colegas, ironizando-a, desdenhando-a, taxando-a de tal maneira absurda, numa estranha esperança não admitida de que a questão se calasse para sempre.

Mas, não se calou. E William continuava aflito, agora sem mais saber com certeza porque se afligia, visto que se perguntar pelo “porquê” último das coisas era uma bobagem ultrapassada, um aspecto daquela filosófica clássica já tão sofisticadamente ultrapassada. Não era assim?

Capítulo 2 - Filosofia: Um trabalho com textos.

Os estudos na Biblioteca duraram longos meses e até mesmo anos. Certo dia, particularmente exausto, William aceitou um convite de um colega do movimento estudantil para lhe ajudar a pintar uns cartazes. Geralmente, William fugia desses convites como o diabo foge da cruz, mas sua exaustão mental era tal, era tamanha a harmonização com os textos (naquele momento, de algum filósofo da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt) que quase não se lembrava mais de como estabelecer vínculo com algo fora dele. A consciência de que “tudo é discurso” estava tão presente, que William acabou respondendo:

- Claro, por que não?

Enquanto o rapaz pintava de vermelho algumas palavras num cartaz marrom, a cujas palavras que William não deu a devida atenção, subitamente, como numa espécie de nostalgia excêntrica (e sem dúvida, sádica), resolveu fazer para seu colega a mesma pergunta que sua irmã lhe havia feito.

- Por que você escolheu fazer Filosofia?

A resposta, inesperadamente, foi direta e segura.

- Para poder ler qualquer tipo de texto.

William abriu um pouco os olhos, levantou as orelhas e se ajeitou no sofá. Não só a resposta havia sido direta, como o colega ainda se postava para continuar a responder de forma natural e tranquila, como se estivesse esperando uma oportunidade para dizer o que estava prestes a dizer:

- Para poder ler qualquer tipo de texto. Se eu apreender a decifrar a linguagem mais cifrada, que é justamente aquela usada um texto como, por exemplo, de Descartes, Hegel e Foucault, posso decifrar qualquer texto. Porque se trata de uma técnica, uma técnica de análise, desconstrução e reconstrução de textos e parágrafos. Mais mesmo de parágrafos do que textos, compreende? Pois há uma riqueza incomensurável somente em um único parágrafo de um texto de Hegel, Nietzsche até mesmo de Kant. Há aí um tesouro. E o que precisamos é a chave. Uma chave que possa abrir e fechar portas. O que desejo, o que gosto realmente é de cinema. Sou cineasta, veja, estou pegando matérias na faculdade de comunicação e arte. A chave que aqui forjo posso usar para abrir e fechar as portas na linguagem cinematográfica. Acabo, por exemplo, de terminar (terminar, não. Porque nunca se termina de escrever um texto, pois tudo que você pensa deve estar ali, se não, você

literalmente “não pensou”), mas acabo de parar de escrever uma tese sobre esse clip dessa banda britânica. Você com certeza conhece, não conhece? O clip mostra uma mesma cena repetida inúmeras vezes, focando cada vez e um personagem. Então, mostra ali como cada personagem tem um papel próprio, desempenhando um simulacro de liberdade, isto é, uma ilusão coordenada de autonomia e como essa ilusão funciona justamente por coadunar-se com o todo. Concluindo, cada um pensa estar fazendo movimentos próprios, mas são movimentos permitidos pela organicidade do todo. Foi preciso ler o clip, entende?

Depois que disse isso, o colega saiu para outra sala para pegar mais tinta. William ficou sozinho ali. Estava estupefato. Se aquele estudante tivesse sido honesto, se estivesse realmente falando o que pensava; se mais do que isso, se aquilo mesmo fosse verdade, então, “para ler um texto”, seria uma razão suficiente para tomar uma decisão tão vital quanto aquela.

Levantou-se devagar e sem dizer adeus para o colega foi embora para casa.

*

Mais tarde, conversando com um dos raríssimos amigos que fez na universidade, disse:

- Sinto-me... abestalhado. Uma decisão tão forte, por meio de critérios tão difusos, mas principalmente vitais, é uma experiência que parece ser totalmente desnecessária. Quero dizer, não se tratava disso. Trata-se de uma decisão de natureza muito mais pragmática. Vir até aqui, enfrentar minha irmã, os amigos, a família, o mundo, enfim, exclusivamente para “aprender a ler um texto” ... Parece-me uma relação absurda. Não que “ler textos” não seja legítimo. E é claro que admito que seja necessário e, até certo ponto, desejável. Mas está longe, infinitamente longe de ser um critério vital. É uma decisão tão pragmática quanto “para ganhar dinheiro”, com a diferença que não se ganha dinheiro – sorriu – ou igual a “para aprender a ler textos jurídicos” ou para “aprender a implantar Botox”.

- Sente-se traído? – perguntou o amigo.

- Não, não traído. A decisão foi minha. Sinto-me, como disse, abestalhado. Não se tratava disso. Nunca se tratou. E, ora, eu devo dizer que... Eu estava errado. Quero dizer, não se tratava de usar um critério tão vital para uma decisão vital. Trata-se de um critério pragmático para uma decisão pragmática. Tratava-se, enfim, de uma decisão mais simples.

- Mas ambas não estão relacionadas?

- Sim, estão. Uma decisão vital é aquela que escolhe o sentido de sua experiência nessa existência. Uma decisão profissional será do trabalhar, para produzir mais ou menos riqueza para sobreviver e viver. O que é importante entender aqui é que eu poderia ter tomado àquela mesma decisão vital, e ter prestado qualquer outro vestibular. Mas, pensei, que uma coisa estava ligada na outra. Vim até a Universidade para viver essa experiência vital. Mas, aqui isso não é oferecido. O que se oferece é uma técnica, uma técnica bem específica. E eu não tenho certeza se o conhecimento dessa técnica preenche e expectativa daquela experiência vital.

- Mas o conhecimento, o aprendizado dessa técnica específica não exclui o sentido dessa experiência.

- Não, não exclui. Mas certamente o esvazia. Ou melhor, o desvia de sua rota. Isso ocorre muito por conta de preponderância. Há em um grau muito maior e talvez só haja mesmo a experiência do aprendizado da técnica. Nada se fala da experiência vital. Ainda que um texto de um filósofo tenho como conteúdo justamente esse assunto vital, o grau de importância dadas as técnicas de interpretação de um texto ocupam todo o espaço de seu esforço.

- Mas, também, o que você queria? Que a Universidade fosse uma espécie de confraria de experiências vitais?

O rapaz ponderou um pouco e, então, respondeu:

- Devo confessar que sim. Era isso em parte o que eu esperava. De uma maneira difusa, minha expectativa era ir para um centro de treinamento onde pudesse apreender o que fosse preciso para me tornar um amante e buscador da sabedoria. Um local também que me preparasse para o ódio do mundo que não quer que você realize esse trabalho. Mas o mundo não se importa com a Universidade. Porque ela não faz mal a ele. É parte dele. Não saí da vida cotidiana sem sentido, apenas entrei em outro lugar onde esse cotidiano também existia. Só que diferente, ainda que intelectualmente mais sofisticado. Sem dúvida, esse conhecimento poderia incluir o aprendizado dessas técnicas. Mas esperava encontrar um lugar com quem pudesse compartilhar a reponsabilidade moral de buscador de sabedoria. Era aqui que esperava encontrar meus irmãos, e isso soa terrivelmente estúpido agora.

Irmãos. Sim, você tem razão. Uma confraria. Ou uma irmandade – riu com desgosto – Que esperança tola...

- Eu também – disse em voz baixa, o amigo, depois de um tempo. De uma forma estranha, isso animou William para continuar:

- Veja, não estou dizendo que deve acabar. Que está tudo errado aqui e que é preciso uma revolução para mudar as coisas para que se adequem aos meus desejos. O que é ensinado aqui é muito útil. Eu mesmo aprendi bastante. E até mesmo penso que é preciso que alguém faça esse trabalho. Mas, não eu. Não que esse trabalho não seja o bastante. Mas, não cumpre preencher um sentido da experiência vital. Quer dizer, para trabalhar com isso (pois se trata exclusivamente de um trabalho) prefiro trabalhar com outra coisa. Até mesmo vender carros, por exemplo. Se vender carros me permitir me dedicar a essa experiência vital da Filosofia, tudo bem.

- Mas, não permitirá. Você ficará desgastado com o trabalho. Ao fim do dia, vai apenas querer recuperar as energias, com TV, videogame, academia e depois virão a mulher, os gatos, cachorros, filhos e mais desgaste, menos tempo.

- Sim, é provável. É por isso, acho eu, que não posso vender carros. Preciso encontrar algo que seja minimamente relacionado com Filosofia.

- Ora, então, por que não vai atrás de uma bolsa? Seria o ideal. Estaria perto da Filosofia e ...

- Mas muito mais perto desse contexto que a sufoca, querendo ou não (às vezes muito mais querendo). Tenho medo de que, com o tempo, essa vida aqui tiraria isso de vez de mim. Às vezes, sinto cada vez mais que aquilo meu antigo guia se esvai... Além do mais, estar aqui é como me lembrar o tempo todo de minha ingenuidade, de minha tolice. Não. Eu preciso sair daqui.

- E para onde vai?

- Ora, para onde se vai quando se dá com os burros n'água? De volta para casa, é claro. E de lá, para outro lugar - riu mais uma vez, com uma espécie de desgosto resignado, quase feliz. Depois continuou:

- É engraçado. Falo o tempo todo de como fui ingênuo. Mas essa conversa que tive com contigo não se difere muito com as conversas que tive com minha irmã não faz muito tempo.

- Por que você diz isso?

- Não sei exatamente, mas deixe isso para lá, por enquanto...

Livro II

Capítulo 1 – Filosofia na sala de aula

William voltou para São José dos Campos no final do ano de 2006, com essa perspectiva difusa. Voltar para casa. Reorganizar a vida. Sair de São Paulo, antes de mais nada. Sair de São Paulo era a certeza mais presente. Infelizmente, era a única certeza. Seria preciso sem dúvida começar a trabalhar, porque voltar para uma faculdade era algo que não considerava fazer. Não tinha o espírito naquele momento de tentar mais ou uma vez se enquadrar e fingir que certas urgências internas simplesmente não existissem. A ideia de dar aulas não era o sonho de sua vida, mas nem sabia qual era o sonho de sua vida, então, a docência era uma perspectiva razoável, natural, digamos assim, e, honestamente, William não tinha condições nenhuma de colocar em cheque a naturalidade daquela decisão. De tudo, estava esgotadíssimo de raciocinar para desconstruir. A sensação, ainda que fosse certo exagerado, era que tudo já estava desconstruído dentro de si, era preciso, se não construir de volta, parar um pouco as obras.

- Meu Deus, onde você vai trabalhar? Perguntava mais uma vez sua irmã, um amigo e uma namorada da época.

William esboçava uma estranha tranquilidade. Não por conta de certeza de que iria conseguir algo. Mas, pelo esgotamento que sentia após sair da faculdade. Nada poderia ser pior do que isso, julgava. Ou melhor, estar fora da Faculdade era tanto um ponto de partida necessário, era tanto um bem em si mesmo, que as nuvens da incerteza do futuro eram de urgência relativa. Então, foi com naturalidade também que recebeu uma notícia, duas semanas depois de sua volta para São José dos Campos, de que teria uma entrevista de emprego em um grande colégio da cidade. É claro que me chamariam, pensava. Tinha uma ótima formação, apesar de tudo, e estaria pronto.

Aquela naturalidade não questionada deu para William uma confiança tácita, como se o destino tivesse traçado aquela situação. Sabia que seria chamado para trabalhar. Mesmo que fosse seu primeiro emprego com carteira assinada.

Conversando com um amigo, antigo companheiro de banda, William explicou sua decisão:

- De volta, então?

- De volta.

- Que irá fazer agora?

- “Que irá fazer agora”? Eis a pergunta que me persegue.

- Que persegue todos nós.

- Sim, acho que sim. Talvez persiga uns mais do que outros.

- Verdade, mas e aí?

- Aí, precisei sair de lá, mas agora tenho uma entrevista para dar aulas de Filosofia. Que me resta fazer? Isso me manterá mais próximo da Filosofia. Fará com que fique afastado da vida acadêmica e, com sorte, sobrar tempo para eu colocar minha cabeça no lugar.

- Mas e o salário? Dá para viver com isso?

- Sem dúvida. Mas, sem pagar algumas contas, como casa, água, luz, gás, supermercado...

Ambos riram.

- Mas é apenas o começo. Preciso me organizar – completou.

- Organizar o quê?

- Alguma coisa se perdeu enquanto eu estava na Universidade. Não sei se foi minha ingenuidade ou aquele sonho maduro. Pois, entre um e outro a diferença, se existe, é tênue. Então, não sei. Preciso saber se a Filosofia pode ainda me oferecer o que procuro, ou se o pessoal da Faculdade estava certo mesmo. Se estiverem, preciso buscar em outro lugar. Mas, para isso preciso de tempo para estudar mais esse assunto de perto.

- E o que dar aulas tem a ver com isso?

- Como eu disse, dar aulas vai me manter perto da Filosofia. Aí poderei estudar melhor o que ela é. Além disso, divulgar a Filosofia em sala de aula me parece mais próximo do que meu projeto original do que “trabalhar com textos”. Quem sabe eu não dou a sorte de algum aluno me explicar melhor o que é que estou ensinando.

- Como assim?

- Penso que funciona dessa maneira. Não tenho certeza o que é isso que ensino. Filosofia. Claro que saberei me orientar, de uma forma ou de outra, em sua história e

comunicar com bom grau de conhecimento aos meus alunos o que foi pensando. É como dizer: olha, existem todas essas disciplinas com as quais vocês estão acostumados. Mas existe isso aqui também que se chama Filosofia. Muitos de vocês podem não entender é até mesmo acharem que não serve para nada. Mas outros, ou mesmo os primeiros em diferentes momentos, poderão perceber que a Filosofia preenche uma lacuna nas suas cabeças. Pois existem questões e respostas (ainda que tentativas de respostas) que apenas são questões e repostas filosóficas; que somente são expressas e trabalhadas pela Filosofia. Somente ela poderia preencher essa lacuna. Compreende?

- Faz sentido.

- E depois de ensinar isso penso em dizer: bem agora que vocês já sabem disso, o que farão? É ideia é chamar a responsabilidade diante desse “novo” conhecimento.

- Parece que você tem isso muito claro na cabeça.

- Relativamente, sim. Veremos o que acontecerá.

Um pouco tempo depois, na sala do orientador de uma recém inaugurada Escola de Ensino Fundamental II, William foi apresentado ao projeto:

- O que eu gostaria era de uma filosofia calcada do ensino do diálogo – disse o orientador pedagógico que o entrevistou.

- Certo.

- Acha que dá para fazer? – perguntou.

- Claro que dá – respondeu William com a naturalidade fruto de uma estranha noção de destino.

- Gostei da resposta – sorriu o orientador.

Foi assim que William iniciou seu primeiro trabalho. Professor de Filosofia. Uma semana depois, o orientador o inscreveu num curso de Filosofia para Crianças, cuja duração era de uma semana, em São Paulo. Foi nesse curso que William tomou contato com a filosofia pedagógica de Matthew Lipman.

Tempos depois, quando William já havia passado pela experiência da docência, o orientador pediu para William contasse o que havia aprendido com o que havia lido sobre filosofia para crianças e sua relação com a prática em sala de aula.

- Lipman – começou William - uma aula de filosofia precisa ensinar coisas como razoabilidade, pensamento, julgamento sólido, pensar e pensar por si mesmo. Tudo isso seriam partes de um todo chamado de “Comunidade de Investigação”.

- Ok – respondeu o orientador, pronto para iniciar uma longa conversa - Qual o sentido de cada um desses termos?

- Com relação à razoabilidade, esse conceito repousa no centro da Filosofia para Criança, da educação e do ideal de democracia. Razoabilidade é o raciocinador habilidoso. Razoabilidade é um aspecto da racionalidade. Como o ideal educacional vai além da racionalidade, a razoabilidade entra como esse complemento, pois envolve uma atitude social: respeito aos outros, aos seus pontos de vista e sentimentos, a ponto de alterar sua própria opinião se julgar necessário, e de permitir que sua própria perspectiva seja alterada por terceiros. Tudo isso aponta para importância de ouvir e dialogar ativamente, o que por sua vez aponta para a ideia de uma sala de aula como uma comunidade de raciocinadores. O que, pelo que conversamos, era exatamente o que você estava desejando.

- Sim. Parece-me que isso já começa a responder a necessidade de dar sentido social democrático para a Filosofia.

- Sim, mas esse “sentido social” pode vir a ser um problema.

- Como assim?

- Não queria chegar nesse ponto no momento.

- Certo, então continue.

- Esse componente “social” ajudaria a preencher a lacuna entre o pensar e agir. Com um pensamento correto a razoabilidade ajudaria na tomada de decisões concretas. Ou seja, Lipman considera que não é razoável a pessoa que é capaz de pensar bons argumentos, mas que não consegue colocá-los em prática.

- O que é essencial para a prática em sala de aula – completou o orientador satisfeito.

- Possivelmente. Além disso, a razoabilidade está relacionada com conceitos de bom pensamento, sentido, diligência, julgamento. Todos esses conceitos somados servem para fazer a lição entre a esfera cognitiva e a esfera afetiva. Inclui, portanto, o relacionamento entre os raciocinadores e o relacionamento com seus respectivos argumentos.

- Certo. Esse foi o conceito de razoabilidade...

- Agora com relação ao pensamento. A pergunta que se deve colocar é se é possível ensinar a pensar. As crianças já não pensam e continuarão pensando mesmo sem as aulas de Filosofia?

- E qual a resposta de Lipman?

- Que sim, mas aqui é que é preciso especificar esse conceito de pensamento. Com isso, será possível dizer que tipo de pensamento pode e deve ser ensinado. Para Lipman, ensinar a pensar seria cultivar as habilidades e as disposições que permitiriam o comportamento atencioso e razoável. Por sua vez, o comportamento atencioso e razoável deve servir como resultado da obtenção ou desenvolvimento de certas habilidades e pela aquisição de sensibilidades que lhes são correspondentes. Isso, como já dissemos, porque não basta ter a habilidade, é preciso estar disposto a usá-las na prática. Assim essa atenção e essa razoabilidade são o objetivo de um ensino da razoabilidade. Ou seja, é preciso ensinar muitas formas de comportamento que estão diretamente ligadas ao melhor pensar. Eles dão até uma lista, que contém comportamentos tais como “apresentar argumentos e distinguir os de boa qualidade dos de má qualidade”, “fazer perguntas”, “ouvir os outros”, “estabelecer distinções e conexões”⁵, etc. Claro dizem que tal lista não tem intenção de ser completa. Nem há hierarquia dentro dela. Eles acreditam que o conjunto dessas habilidades, sejam elas mais simples e mais complexas, poderia ser ensinado por meio de atividades reflexivas. É uma educação normativa, portanto. Além disso, parte-se da premissa de que é possível ensinar a habilidade de compreensão de entidades abstratas ao pensar por meio de conceitos. E posso lhe dizer que isso, de acordo com a experiência que tive, é particularmente verdadeiro. É possível se surpreender com certos diálogos em sala de aula onde se comprova

⁵SPLITER, Laurance J.; SHARP, Ann Margaret. Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. Pg. 20

a compreensão e o uso de conceitos abstratos por parte de jovens de doze anos. Mas, falo disso um pouco mais adiante.

- Ok.

- Seria assim necessário reconhecer que além do raciocínio concreto que a criança seria capaz de compreender também o raciocínio abstrato. Isso quer dizer que concreto e abstrato estão de tal forma ligados entre si que é possível orientá-la para compreender abstratamente a sua experiência concreta diária. O pensamento abstrato é uma parte essencial de sua relação com o mundo, está presente mesmo na experiência pontual concreta, mesmo que não se tome consciência disso. “Gosto de futebol” a criança diz. Não quer dizer que gosta de uma partida em específica, nem de um time específico, nem da pelada no último sábado, mas de futebol em geral. Ou seja, do conceito, mais ou menos difuso, mais ou menos consciente, abstrato de futebol.

- Faz sentido.

- Não faz? Mas, isso Aristóteles já dizia. A experiência de uma entidade concreta já traz consigo o conceito de espécie dessa entidade. Ou seja, a parte “concreta” e “abstrata” caminham juntas. Mas, vamos deixar Aristóteles um pouco de lado isso, por enquanto. Desse modo, os conceitos devem ser vistos como aquilo que conduzem o pensamento. Servem como “veículos” desse último. Os conceitos funcionam como pontos de ligação entre vários itens de vivência de uma pessoa, entre vários itens de vivências entre duas pessoas, entre um contexto e até as regras e princípios gerais.

- Mas, temos que considerar esse grau de abstração de acordo com a idade, não é assim?

- Certamente há graus de abstração. Conceitos como amor, verdade e justiça parecem ser mais abstratos que conceitos como futebol. Mas ainda assim isso não significa dizer que tais conceitos estão longe da experiência comum. As crianças travam contato com a justiça com história da vida real, ainda que não sejam capazes de verbalizar tais vivências. Aqui está justamente um dos objetivos pedagógicos da comunidade de investigação: ajudar a criança a organizar verbalmente (e concomitantemente organizar em seu pensamento) a parte conceitual que já está presente em sua experiência tanto concreta como mental.

- Parece algo, ao mesmo tempo que natural, um tanto desafiador.

- Sim. Seria precisa reconhecer que a importância das habilidades do pensamento coloca-se junto com as habilidades reconhecidas como “básicas”, tais como a de ler, escrever e fazer contas. Essa habilidade do pensamento, portanto, assim como português e matemática, é uma prerrogativa de toda criança, e não algo destinado somente a uma espécie de elite “intelectual”. Além disso, um domínio de tais habilidades de pensamento são complementos das habilidades já consideradas como básicas. Aliás, as dificuldades apresentadas nas habilidades da leitura, da escrita e do cálculo estão ligadas as dificuldades apresentadas nas habilidades do pensamento e vice e versa.

- Mas, como verificar que os alunos estão aprendendo a pensar?

- Bem, a teoria de Lipman parte conceito dado pelo filósofo americano John Dewey (1859-1952) que diz que pensar é, “pesar os prós e os contras e decidir de acordo com o equilíbrio das evidências”⁶. Isso implica dizer que a experiência é fundamental. É condição necessária mesmo para o bom julgamento. Mas, não é condição suficiente. Pois toda investigação é deliberativa, baseada em experiência, mas também faz uso de critérios. Tentar ensinar como prestar atenção na experiência, para levá-la em consideração, assim como afinar o uso de critérios passa a ser o objetivo específico dessa pedagogia do pensamento.

- O que significa finalmente dizer que a criança deve pensar por si mesmo?

- Pensar por si mesmo? De acordo com Lipman as crianças “têm ideias, crenças, hipóteses, fantasias e perspectivas mais que suficientes para fazer o papel do conhecimento prévio, que constitui o objeto de pensamento”. Serem capazes de usar a própria experiência adjunta com o uso de critérios para chegarem autonomamente às suas próprias conclusões. Isso seria o pensar por si mesmo. Seria algo como colocar seu próprio pensamento para funcionar.

Nesse momento, William fez uma pausa. Seu rosto ficou sombrio.

- Parece que você discorda um pouco disso – tentou adivinhar o orientador.

- Sim. A minha a experiência mostra que não é bem assim. Aliás, há vários cenários. Para começar, há o cenário da apatia. Um dos grandes problemas é a apatia. As crianças têm

⁶ SPLITER, Laurance J.; SHARP, Ann Margaret. Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. pg. 24

menos hipóteses do que se imagina. E ainda que tenham, não querem falar; não conseguem falar sem uma condução que, muitas vezes passa, por um conhecimento prévio do professor. Então, a presença do professor é muito mais necessária nesse caso, para apontar para o aluno sua própria capacidade de pensar.

- Entendo. Mas pela sua cara há mais coisas com as quais você não concorda.

- Sim. Algo que fazem questão de esclarecer é sua relação com o relativismo. Fazem assim uma distinção entre dois tipos de relativismo. De acordo com o primeiro sentido de relativismo não há qualquer verdade. Colocado assim em sua forma radical a consequência lógica é que toda discussão seria inútil se não há verdade para ser conhecida. Eles negam esse relativismo. Mas, um segundo sentido relativismo que diz: é preciso haver autocorreção, pois não há respostas finais para muitas das questões da vida, e de que a certeza absoluta é algo questionável, então “vale a pena considera-lo”.

- E você não parece estar muito convencido disso.

- Você tem razão. Não estou muito convencido. Isso porque penso que há pouca diferença entre o relativismo que negam e o relativismo que adotam. Veja, para que haja dúvida e autocorreção em alguns aspectos, ou mesmo na maioria deles, é preciso haver uma realidade de cujo conhecimento sai mesmo a própria possibilidade de haver dúvidas. Isto é, para haver uma construção de conhecimento por meio de diálogos é preciso haver um mínimo de certeza, um mínimo de conhecimento fundamental de onde as dúvidas possam ser resolvidas. Colocando de outra forma, é preciso que esse relativismo seja relativizado. E relativizar o relativismo é reconhecer que há uma dimensão de conhecimento que não é relativa. Essa dimensão deve ser ensinada e compreendida ativamente, ou melhor, é preciso reconhecer sua existência, pois é justamente a base de onde partirá a investigação. Em suma, só se investiga, pois se é passível de conhecimento. A própria investigação pressupõe a possibilidade de sua realização.

- Entendo.

- Mas, além de pensar que a diferença entre o relativismo que negam e o que adotam não seja o suficiente, minha experiência em sala de aula também mostra as dificuldades dessa questão. Isso porque os alunos percebem não raramente que o diálogo pode cair em relativismo. Se não estiver claro na cabeça no professor que um conhecimento por

aproximação é possível e desejável o risco é muito grande do diálogo virar mera discussão ou, o que considero muito pior, uma mera aquisição de retórica.

- Por que pior?

- A retórica, nesse sentido que uso, seria uma mera habilidade de convencimento. Imbuídos de que não há verdade, e enriquecidos por uma técnica retórica, não seria surpresa alguma que como resultado disso fosse gerada uma cultura de cinismo entre os alunos. E é justamente isso que receio quando pensamos em um “uso social” para a Filosofia. Se por esse uso social entendemos simplesmente ou aprendizado do saber ouvir e do saber falar (o que é desejável e excelente se conseguirmos realizarmos) temos que concluir que não estamos propriamente Filosofia. Há um nome para esse ensino: retórica. Se vincularmos essencialmente a Filosofia como uma atividade vinculada à Democracia, estaremos, ora, vinculando a Filosofia da Democracia. Se no passado, alguns autores disseram que a Filosofia deveria ser serva da Teologia, não consigo deixar de pensar que agora ela deve servir à uma agenda democrática.

- Qual é o problema disso? Não é a educação cidadã um comprometimento desejável?

- É difícil saber o que se quiser dizer exatamente com “educação cidadã”. Não raro podemos cair em um ensino de uma agenda política bem específica.

- Então, a Filosofia não deve estar associada à Democracia?

- Eu não disse isso. Não pode estar essencialmente ao serviço da Democracia. Pode ser uma bobagem, mas devemos lembrar que a democracia ateniense mandou matar Sócrates. Será isso mesmo só um fato sem consequências ou um próprio símbolo?

- Símbolo de quê?

- Símbolo de que a Filosofia busca a Verdade independentemente das opiniões, mesmo da opinião da maioria democrática.

- Certo. Mas, por outro lado, a Filosofia precisa da democracia, das instituições democráticas e de seus valores, tais como a tolerância para ter mais contexto para exercer sua atividade.

- Sem dúvida. Mas, não é sua serva. As nuances de diferenças são importantes nesse caso.

- Talvez eu compreenda. Mas, é preciso analisar a questão mais de perto.

- Certamente. Mas, voltando a prática dessa pedagógica de Filosofia em sala de aula. Tal ideia de que temos que tratar das questões das crianças funciona apenas relativamente. Muitas vezes podemos partir de suas questões, mas a experiência mostra que na maior parte das vezes é preciso orientar as crianças e os pré-adolescentes para que possam formular questões ou até mesmo compreender a necessidade do questionamento. Nesse caso também temos que admitir que muitas vezes a experiência primária da criança não é de questionamento. Isso parece ser uma contradição com relação à ideia segundo a qual a criança é uma espécie de filósofo. Sem entrar de forma demasiada no mérito dessa questão, é preciso dizer que essa ideia fala mais de uma criança em idade mais tenra do que aquelas com quem trabalhamos no Ensino Fundamental II. Além do mais, nessa idade a criança e o pré-adolescente estão plena fase de assimilação de valores “sérios” e estanques. Ao que parece, a fase dos porquês passou ou está em vias acabar. Diante desse quadro muitas vezes é preciso despertar novamente o questionamento, despertar a necessidade de seu pensar sobre as, digamos assim, ideias essenciais sobre as quais a filosofia se debruça. Somente depois dessa orientação, somente depois que é colocado as questões sobre as ideias principais da filosofia, colocadas sempre na linguagem dos alunos é que é possível que essa atividade flua. E até com resultados surpreendentes.

- Isso é um pouco diferente do que eu esperava de uma sala de aula. Mas, e com relações a esses resultados surpreendentes?

- Por exemplo, sobre o mito da Caverna. Eu havia feito um desenho (e depois orientei para que também fizessem seus próprios) e pedi para que colocassem “Legendas” em cada elemento do desenho, de modo a mostrar qual era o sentido de cada um deles. Assim, as correntes poderiam simbolizar as opiniões, o senso comum, a preguiça, a ignorância; o prisioneiro liberto seria o filósofo; a luz do sol seria a fonte da realidade e assim por diante. Certa vez, enquanto dava aula sobre tal assunto fiquei intrigado com a fogueira. Será que haveria algum outro motivo para ser uma fogueira iluminando dentro da caverna além do fato de não ser ter outras fontes de luz “artificiais” na época? Enfim, deixei a pergunta no ar. Por que uma fogueira? No dia seguinte, ou na semana seguinte, não me lembro de quando

exatamente, um aluno veio com uma resposta. “Professor, acho que era uma fogueira porque uma hora o fogo irá se apagar e as pessoas dentro da caverna serão obrigadas a sair de sua ignorância”. Não me considerava na época, e hoje menos ainda, um grande estudioso de Platão. Mas não me lembro de ter lido tal explicação em nenhuma obra de ou sobre Platão. Isso me fez pensar. A fogueira irá se extinguir. Ou melhor, irá se extinguir a fonte de energia que produzia as sombras, aquilo que os prisioneiros tomavam pela realidade. Seria uma espécie de fim súbito e drástico das ilusões? É uma pergunta que ainda carrego atualmente e talvez possa exigir certa pesquisa.

- Impressionante mesmo.

- De qualquer maneira, a importância desse acontecimento reside em dois aspectos importantes. A capacidade de compreender conceitos, fazer relações e descobertas em pré-adolescentes é um fato que a experiência comprova. Em segundo, a postura do professor ao apresentar os conceitos filosóficos deve ser coerente com a realidade desses conceitos: tais ideias estão sendo pensadas por nós no Ocidente (não que não haja o mesmo no Oriente – não entro no mérito porque sou ignorante em cultura oriental) há muitos séculos; muitos pensadores já enriqueceram essas ideias com suas contribuições, e nós devemos aprendê-las para que, eventualmente, também possamos dar a nossa contribuição. Isso significa que o professor não pode entrar na aula com uma verdade pronta sobre tal conceito. No limite, o professor também está aprendendo. Está aprendendo claro, em um nível mais elevado que os alunos (não vamos aqui equivaler tais distintas dimensões) Mas, ainda assim, ao tratar, por exemplo, da alegoria da caverna de Platão deve-se reconhecer que tal é mais uma chance para o professor compreender a profundidade e as inúmeras relações que estão contidas nessa riquíssima metáfora/conceito de filósofo ateniense. Isso ajuda muito, ou é até mesmo essencial, para que haja participação do aluno. O professor deve entrar nessa aula e literalmente dizer “ajudem-me a entender esse tema”. Deve, em suma, filosofar ao vivo. Mas primeiro, ele deve ensinar o básico para que o enriquecimento se realize. Como no processo de investigação de mistérios, o professor deve ser como Sherlock para Watson: Estou com problemas para resolver esse caso. Vou te contextualizar para que você possa me ajudar (ainda que nas histórias de Conan Doyle, Sherlock Holmes geralmente não peça ajuda para Watson, a comparação ainda é elucidativa).

- “Filosofar ao vivo” Parece um pouco empolgante. Talvez um pouco idealista.

- Sim, de certo modo, pois tudo isso se esbarra em aspectos práticos da realidade da escola. Em primeiro lugar, temos que na maior parte das escolas é destinada à Filosofia apenas um dia por semana. É no limite do impraticável manter a continuidade da investigação com uma aula por semana. Sem que aquelas questões fiquem presentes em algum lugar da memória dos alunos, o trabalho não raramente precisar ser refeito. Pensemos em um ciclo básico de orientação pedagógica: introdução e sensibilização do assunto, explicação do conceito que será objeto de estudo, diálogo investigativo e fechamento (por meio uma atividade que pode servir também como avaliação. Na primeira aula, é preciso fazer a introdução ao assunto e a explicação do conceito. Em 50 minutos? Bem, esses dois primeiros itens podem tomar até 30 minutos, as vezes, mais. O ideal seria que tomasse a metade da aula, 25 minutos, para que o diálogo já se iniciasse na mesma aula. Na semana seguinte, faço uma retomada do assunto discutido como mais algum material de sensibilização de modo a continuar o diálogo e indicar ao menos uma atividade para próxima aula. Essas retomadas são necessárias em qualquer caso, mas na situação de uma aula por semana, pode-se usar grande parte do tempo onde essas retomadas podem-se transformar em novas introduções, isto é, um reinício de trabalho mesmo devido ao esquecimento do tema por parte dos alunos. Isso ocorre para todos os momentos do ciclo pedagógico, que fica espremido de um lado e temerosamente veloz de outro.

- Mas é preciso encontrar estratégias para dar conta desse problema.

- Sim, talvez. Há ainda mais. Outro problema prático que encontrei foi da Filosofia não ser vista como uma disciplina como as outras. Para ser mais específico, todas as avaliações das outras disciplinas já estavam previstas no calendário escolar desde o início do ano. Isso, contudo, não acontecia com a Filosofia. Não havia uma data específica para que eu aplicasse uma eventual avaliação. Se por um lado isso me dava à liberdade de trabalhar com diferentes formas de avaliação, passava para os alunos por outro lado a sensação de que Filosofia não era tão importante como as outras disciplinas, visto que não estava nem calendário uma data para realização de suas atividades. Estar fora desse cronograma muitas vezes é um fato passível de ser compreendido como uma declaração oficial da escola de que a filosofia não faz parte do currículo básico dos alunos, tais como as outras disciplinas. Por outro lado, compreendo a decisão de certas escolas. Não ter esse vínculo total com o “sistema” livraria a Filosofia de uma demasiada “burocratização”. E faz muito sentido. Penso que poderíamos chegar em um termo médio quanto à isso.

- Pode ser. Mas a ideia original era fazer da Filosofia um momento fora do “sistema”.

- Sim, mas é como se a escola admitisse que o “sistema” é intrinsecamente ruim e que precisa de momentos de respiro. Aí a Filosofia entre como respiro. Isso é ambíguo. Pode passar a mensagem de “libertação do sistema” mas pode passa a mensagem de falta de seriedade. Pela minha experiência, a segunda opção é mais presente do que a primeira. Mas há ainda outro aspecto. O diálogo evidentemente necessita de participação ativa. Aqui timidez e apatia se unem de forma quase invencível. Difícil é separar o que pode ser uma coisa, o que pode ser outra, ou o que pode ser uma estranha mistura entre as duas. Esse é um contexto comum de onde o trabalho do professor deve partir. Podemos dizer até mesmo que o ponto inicial de todo o trabalho. Não cabe aqui tecer as causas desses dois fenômenos. Mas é evidente que há estratégias melhores e piores para se lidar com eles. Diante desse quadro inicial, por exemplo, a postura de deixar os alunos construírem o conhecimento a partir de um conhecimento prévio é temerário; literalmente, não se sairá do lugar se for deixado por conta dos próprios alunos. Não que eles não tenham a experiência de vida e os conceitos dentro de seu pensamento necessários ao menos para começar a desenvolvê-los. Isso eles possuem, ainda que muito menos do que poderiam ter. Mas esse não é o obstáculo. O obstáculo é o esquecimento ou véu de fumaça que há presente no pensamento desses pré-adolescentes. Eles não sabem que podem pensar de determinada maneira sobre determinados assuntos porque justamente nunca lhes foi ensinado. Se for deixado por conta própria, ainda que não seja impossível, eles não sairão sozinhos de sua caverna de timidez e apatia. Digo, timidez e apatia não só do comportamento mas do próprio pensamento. Diante disso, é preciso trabalhar com “conhecimentos prévios” sempre que possível, mas em regra, é preciso apresentar explicitamente as questões assim como também explicitamente a relação que essas questões possuem com a míngua experiência de vida que possuem. Trata-se de mostrar que são seres humanos, e como seres humanos já sentiram e pensaram pelo menos nos germes das principais ideias filosóficas com a qual deverão travar contato. Despertar explicitamente o potencial do espírito de cada um. Seria como dizer: veja, tu és isso. Veja o quanto podes fazer.

Capítulo 2 – Escrevendo livros didáticos.

Seis meses após iniciar o trabalho de professor de Filosofia, William recebeu uma ligação do editor do Sistema de Ensino da escola em que trabalhava.

- Estamos procurando autores de Filosofia. Já falei com algumas pessoas, mas o orientador do Ensino Fundamental II me falou sobre você. Estaria interessado?

- Claro que sim - respondeu William.

Logo depois do telefonema, foi rascunhar algumas ideias Um rascunho mesmo. Sem levar muito a sério. William secretamente estava motivado pela ideia de que até um rascunho seu era melhor do que o trabalho árduo de outros. Era o destino, pensava, sem atrever-se a explicitar o pensamento.

Alguns dias depois, o editor ligou perguntando se estava pronto.

- Si..., sim – respondeu William, gaguejando. Não sabia que o Editor retornaria a ligação tão rápido.

- E qual sua proposta? – perguntou assim o editor.

Para sua sorte, seu rascunho, ainda que apenas um rascunho, havia sido fruto de uma elaboração de como William compreendia a história da filosofia e a filosofia em si desde a época da faculdade. O que fez foi colocar no papel o caminho que percorrera até então em forma de livro didático. Desse modo, aquela produção não adquiriu um aspecto artificial. Não era um trabalho destituído de qualquer semelhança com os caminhos que percorrera até ali para compreender a Filosofia, mas era, ao contrário, a organização didática desse próprio caminho. Organização didática que usava para explicar para si mesmo o que lia e experimentava; e organização didática para explicar para aqueles que queriam ler e experimentar a Filosofia. Portanto, aquele trabalho começou a fluir bem, muito bem para dizer a verdade. E resolvia algumas questões. Ajudou William compreender um pouco mais a Filosofia. Além disso, seu trabalho seria uma divulgação da filosofia e não um estudo específico de um parágrafo específico dentro de uma obra específica a serem lidas por algumas pessoas específicas. Ou seja, seu conhecimento, ainda que imperfeito, poderia ser transmitido. Não ficaria morto dentro de si, ou em uma prateleira qualquer.

- Mas, William, nenhum aluno dá a mínima para livros didáticos – dizia uma voz sombria dentro de sua cabeça.

- Não “nenhum aluno”, respondia para si mesmo. Talvez a maioria, mas sempre haveria aquele que poderia aproveitar aquela primeira apresentação da Filosofia para dar saltos maiores no futuro. Era disso que se tratava a divulgação da Filosofia, não era?

Foi assim que escreveu sua primeira coleção de livros didáticos de filosofia. Quatro livros de Ensino Fundamental II, de 6º ao 9º ano, unindo seu conhecimento até ali, mais as ideias que havia aprendido durante os cursos, livros de *Filosofia para Criança* além de suas próprias experiências em sala de aula (até ali, apenas seis meses) para escrevê-los.

Com o tempo, foi convidado a escrever mais três volumes. Os livros de Filosofia do Ensino Médio daquele mesmo sistema. Continuou o trabalho com a mesma energia e intenção que do início.

Foi então que começou a notar certos problemas.

Primeiro porque as editoras trabalham com prazos apertadíssimos. Sentia que era simplesmente ridículo escrever um livro todo de filosofia em um prazo de alguns meses; de três a cinco meses para ser mais exato. Isso porque não era só uma questão de escrever os conceitos de cada filósofo. Era uma questão de encontrar uma bibliografia que desse amparo, uma linguagem que traduzisse com clareza os conceitos e ao mesmo tempo em que fosse acessível aos alunos; atividades que não só ajudassem a compreensão das ideias, mas que conseguissem relacionar os conceitos com a realidade concreta e atual; imagens corretas que não fossem meramente ilustrativas, mas que cujo conteúdo remontasse aos temas estudados, etc. William experimentou a curiosa e insólita sensação de levar duas horas para encontrar uma imagem adequada para construir uma questão. Por outro lado, pensava, com certa ironia desgostosa, que se as pessoas da USP o vissem escrevendo sobre uma boa parte da história da Filosofia em quatro meses, iriam ter um enfarte. Ao que parece, demoravam quinze anos para escrever sobre um capítulo de Foucault.

Ainda assim, a perspectiva de trabalhar cada vez mais com essa divulgação da Filosofia colocou vida nova em William, dando certo sentido para seus estudos anteriores e um novo fôlego para que continuasse estudando.

Não demorou muito, no entanto, para encontrar novos e mais profundos problemas. A princípio esses problemas eram captados por William apenas de maneira intuitiva. Não conseguia, e para dizer a verdade, não tinha tempo, enquanto produzia os livros, de investigar adequadamente para tentar esclarecer essa questão. Mas a percepção desses problemas foi ficando mais clara enquanto escrevia seu até então último livro didático. Aliás, conforme a clareza ia aumentando, crescia também dentro de William uma inquietação sobre a própria

natureza do seu trabalho. Certo dia, conversando com seu editor, William tentou explicar sua situação.

- Estou quase paralisado no trabalho.

- Crise criativa?

- Acho que não se trata exatamente disso, supondo que “crise criativa” como geralmente é compreendida, seja possível de acontecer na escrita desse tipo de livro. Estou quase paralisado não porque não sei como escrever. Na verdade, estou paralisado porque nem sei se devo mais. Ao que parece, a única que me faz seguir em frente é o prazo limitado.

- O prazo pode ser um estimulante e tanto – avaliou o editor, com certa ironia apazível - Mas se você puder me explicar melhor talvez eu possa ajudar.

- Talvez, mas começo a notar que o assunto é mais embaixo. Suas raízes são tão profundas que talvez eu não tenha forças para voltar depois à superfície, como, de fato, sabemos que é necessário. Quero dizer que talvez você não possa ajudar porque o que virá a seguir estará além de suas forças também. Entretanto, acho que se você me ouvir ao menos será uma oportunidade para eu me explicar e quem sabe entender mais um pouco sobre o que está acontecendo.

- Mas, de onde surgiu tudo isso? – perguntou o editor já com um ar mais pragmático.

- Bem, de uma variedade de fontes. Principalmente dos livros sobre o ensino de filosofia que você me emprestou. Essas fontes são, como eu disse, variáveis, mas acho que posso usar deles, que contém boa parte que os outros contém, além de sintetizar de forma clara o que se pretende com o ensino de filosofia⁷. O livro começa com uma citação animadora. *“Dizer que não se pode aprender a filosofia é dizer, não que não se tem que aprender conteúdos (aprendem-se, pelo contrário, filosofias, pois é possível ter delas um conhecimento objetivo), mas é dizer que nenhum desses conteúdos, nenhuma dessas doutrinas filosofias esgota e pode esgotar a forma da filosofia,”*⁸.

⁷ Trata-se do livro *Ensinar Filosofia – Um livro para professores*, de Sílvio Gallo e Renata Lima Aspis.

⁸ TASSIN, *La “Valeur formatrice” de la Philosophie* in: DERRIDA J. et alii. *La greve des philosophes*. Paris: Editions Osiris, 1986. in ASPIS, Renata Lima. *Ensinar filosofia: um livro para professores*. São Paulo Atta Mídia e Educação, 2009. Pg. 07.

Isso significa dizer que as portas para o filosofar estão abertas, correto? – perguntou retoricamente William.

- Ao que parece, sim. – respondeu o editor, atento ao raciocínio.

- Logo – continuou William - se a filosofia ocorre por meio das tentativas de filosofar nada impede de filosofarmos por meio tanto de premissas da filosofia antiga, medieval, moderna ou contemporânea, correto? Ou ao menos, por meio de um espírito de síntese que tente levar todas as premissas em consideração.

- Certo.

- No entanto, ao que parece, essas “tentativas de filosofar” estão limitadas a certo número de posturas filosóficas consideradas mais razoáveis, como ficará claro mais adiante. No entanto, já aqui temos um dos problemas fundamentais a que me referi anteriormente. Mas, vamos seguir com o livro, por enquanto.

- De acordo.

- O livro continua nos lembrando de que é uma obrigação pensar filosoficamente a filosofia antes de começar a lecionar ou escrever um livro didático sobre ela. Se tomarmos outras disciplinas como exemplo, veremos que o conteúdo de cada matéria fica condicionada a suas exigências práticas, isto é, as exigências das provas dos vestibulares. No entanto, enquanto não há definido de forma clara o conteúdo dos vestibulares em filosofia, o resultado é muita liberdade sobre o que ensinar e o que escrever. Diante disso, a ideia do livro é tentar passar o ensino de filosofia como experiência filosófica.

- Para realizar tal tarefa – continuou William - é preciso responder algumas perguntas tais como: O que ensinar? Temas ou história? O que escolher dentro de mais de vinte e cinco séculos de filosofia? É possível e desejável se manter só no filosofar esquecendo-se dos conteúdos filosóficos? Para os autores, Filosofia não é só reflexão e rigor, mas principalmente, criação.

- Criação do quê? – perguntou o editor.

- Criação de conceitos. Por meio da criação de conceitos podemos introduzir os alunos na prática de pensar de forma autônoma, autoconsciente, com abrangência, profundidade e clareza. Desse modo, teríamos a Filosofia como “sub-versão”. Em outras

palavras, além da forma de pensar da ciência, além da lógica do mercado e “suas seduções”, para além das tradições e senso comum, tudo isso seria o filosofar. Seria preciso passar a ideia de que ainda é possível criar. Criar outro mundo, na medida do possível. Por meio de um tipo específico de filosofar “contribuir para o impulso dos jovens de criara seu mundo”⁹ da mesma forma que a geração anterior criou o antigo. É, “literalmente”, semear desejo de “sub-versões” enquanto fonte geradora de diferenças.

William disse essas últimas palavras com uma expressão de incômodo.

- Que foi? Não concorda com isso? – perguntou o editor.

- Ensinar o desejo de subversões? Nem entro ainda no mérito. Se conseguisse ao menos ensiná-los a ler e escrever já estaria de bom tamanho. Enfim, a tendência dessa postura é mais voltada à formação da postura filosófica do que propriamente do conteúdo filosófico. A experiência do filosofar deveria ser o mote. O que nos coloca diante daquela clássica polarização feita por Kant entre filosofia e filosofar: *“nunca se realizou uma obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. Por isso não se pode em absoluto aprender a filosofia, porque ela inda existe. (...) Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando a razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os”*¹⁰.

- Eis a famosa passagem - comentou o editor.

- Sim. No entanto, segue o livro, filosofar não surge do nada, pois se faz em cima de conteúdos filosóficos já existentes. A Filosofia é um campo de conhecimento? Certamente que sim. Autônomo com regras próprias, procurando uma forma específica de abordar a realidade. O livro toma como base o pensamento de Foucault (1926-1984) quando esse afirma que a disciplina é aquilo que permite a enunciação do discurso, de um saber, controlando o que pode ser dito e o que não pode ser dito e a maneira como deve ser dito. A disciplina seria um instrumento de delimitação de horizontes dentro do campo dos saberes. É preciso assim eliminar as fronteiras de discursos para justamente produzir novos saberes dentro desses limites. Portanto, pensar seria assim uma imposição de ordem no discurso.

⁹ ASPIS, Renata Lima. GALLO, Sílvio. *Ensinar filosofia: um livro para professores*. São Paulo Atta Mídia e Educação, 2009.Pg. 15.

¹⁰ Crítica da Razão Pura

Mas ao que parece a base mais importante dessa ideia está na obra *Que é a filosofia?*, de 1991, dos filósofos Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992). Nela, esses filósofos pensam sobre filosofia e argumentam que ela é o resultado de uma disciplina, isto é, de uma ordem do pensamento. Vivendo a “beira do caos” que ameaça nos tragar, é preciso dar ordem a esse caos por meio do pensamento.

- Conheço uma das ideias principais. Deleuze considera que a opinião tenta nos afastar do caos por meio da segurança do pensamento correto ou simplesmente por meio do não pensamento.

-Sim, no entanto, é impossível vencer o caos, segundo eles. Haveria somente três potências do pensamento que ousam “mergulhar” no caos: Arte, Ciência e Filosofia. No caso da Filosofia, ela traçaria um plano de imanência (que envolveria uma miríade de contextualização – histórica, social, linguística, etc.) para criar conceitos. Em resumo, trata-se de “enfrentar” o caos, delimitando as fronteiras dos discursos, impondo ordem ao pensamento, o que permeia a criação de conceitos. A criação de conceitos é de fato tão importante para eles que chegam a dizer (Deleuze) que filósofo é amigo do conceito.

William fez uma cara soturna.

- Que foi?

- Filósofo... Amigo do conceito? Ora, filósofo não é o amigo da sabedoria? Não é o amigo da verdade?

- Seria necessário precisar o que significa exatamente essa criação de conceitos.

- De fato. Eles consideram que justamente a especificidade da filosofia é ser uma atividade de criação de conceitos. A Filosofia não é nem contemplação, nem reflexão nem comunicação. Não é contemplação “como durante muito tempo – por inspiração sobretudo platônica – se julgou, pois a contemplação, mesmo dinâmica, não é criativa; consiste na visada da coisa mesma, tomada como preexistente e independente do próprio ato de contemplar”¹¹.

¹¹ ASPIS, Renata Lima. GALLO, Sílvio. *Ensinar filosofia: um livro para professores*. São Paulo Atta Mídia e Educação, 2009.Pg. 34.

- É um abandono claro do ideal platônico.

- Sim, claro. Qual é o pressuposto aqui? Que o ato de contemplar ou cria totalmente a coisa em si, ou participa de sua criação. É um pressuposto moderno (e muitas vezes pós-moderno), de que a coisa em si não é acessível. É uma postura filosófica bem específica, portanto. Mas, continuemos.

- Ok.

- Segundo Deleuze, a filosofia também não se resume à comunicação, como proposto por Habermas (1929-) ou Rorty (1931-2007), cujo critério de conhecimento seria o consenso. Isso não seria possível, visto que a criação do conceito gera muitas vezes o dissenso. O critério de consenso de Habermas ou Rorty deveria, portanto, ser questionado. Aqui penso que os autores têm razão. Habermas e Rorty colocam o consenso como critério de verdade, eliminando, portanto o próprio critério de verdade – correspondência do que se pensa do que se diz.

- Parece-me uma conclusão inevitável. Consenso não necessariamente é uma verdade. A crítica de Deleuze faz sentido aqui.

- Sim, no entanto, o que Deleuze quer não é a verdade, mas a atividade da criação de conceitos. Há uma diferença.

- Faz sentido.

- De qualquer maneira, Deleuze prossegue com o esclarecimento sobre o que pensa ser filosofia, argumenta que a mesma não se resume à uma discussão – ainda que faça parte.

- Isso parece ser verdadeiro.

- Sem dúvida, a mim também parece ser. Uma discussão somente pela discussão é um vazio que só pode gerar mais vazio.

- Mas...? – sorriu o editor, prevendo a discordância de William.

- Mas – respondeu William também sorrindo - Deleuze chega a afirmar que Sócrates não passa de um retórico hábil que transforma todo diálogo em um monólogo.

- E você não concorda com isso, pelo jeito?

- Desde que iniciei meus estudos acadêmicos, leio críticas sobre Sócrates. O que é uma triste ironia, visto que foi praticamente ele quem me despertou o interesse por uma vida filosófica. De qualquer maneira, com relação a esse tema específico, não me convenci de que Sócrates é apenas um retórico hábil que monopoliza o diálogo. Sócrates simplesmente insiste na busca austera pela verdade, e não simplesmente na criação de conceitos. Se ele “monopoliza” o diálogo – o que nem sempre é verdade – é por quer instruir um discípulo a ser um bom buscador da verdade. Simplesmente porque a verdade vale mais que a opinião, vale até mesmo mais que criação de conceitos.

- Mas o que é um conceito, afinal de contas?

- Pois é. Acredito que o conceito de conceito – riu William – continua o mesmo: expressão por meio da linguagem da essência de alguma coisa. Mas isso não é a conceito do conceito. É o conceito de definição. A definição é expressão por meio da linguagem do conceito de algo. O conceito, de acordo com a tradição aristotélica, pode ser apreendido intelectualmente, mesmo que não se consiga propriamente defini-lo, isto é, colocá-lo em palavras. Além disso, se na tradição socrática-platônica-aristotélica essa essência era uma realidade objetiva que poderia ser conhecida pelo sujeito, penso que no contexto de Deleuze, é uma ferramenta mais ou menos lógica que pode ou não pode exprimir a realidade. Na verdade, não vejo muita diferença entre esse segundo conceito de Deleuze e a sofística. De fato, “conceito é a forma própria da filosofia de construir o real”. Mas, o real se constrói ou se conhece?

- Nós criamos o real, não é?

- Parece que para Deleuze, e para boa de seus contemporâneos, sim. Enfim, de qualquer maneira, os conceitos são sempre feitos em plano de imanência – o tempo e o lugar em que vive o filósofo. Em suma, sua experiência concreta. Em outras palavras, essa criação de conceitos só se dá por meio questões-problemas. Plano da qual e na qual a atividade de criação de conceitos deve ser realizada.

- Você disse que havia mais questões importantes. Devemos tratar sobre temas de filosofia ou história da filosofia? Não é uma questão nova. Há algumas fontes que pensam sobre esse assunto.

- Verdade. Primeiro, temos o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de 1999, da Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, que diz que é preciso dar tratamento transversal para Filosofia. Isto é, deve-se focar mais na necessidade do aprendizado da leitura de textos filosóficos e na leitura filosófica de textos não filosóficos. Já o PCN + de 2002 priorizou uma abordagem temática da filosofia. Para cada série do Ensino Médio deverá existir três grandes temas, subdividido em subtemas. As Orientações Curriculares do MEC de 2006 sugerem, por sua vez, uma organização histórica, indicando até mesmo uma externa lista de temáticas e autores – visando garantir a identidade da filosofia.

- E o que mais?

- E para fechar temos o já conhecido texto do professor Franklin Leopoldo e Silva, onde esse explica que em um ensino de filosofia a história da filosofia pode ser tomada como centro ou referencial. Se o conteúdo é organizado historicamente, a história da filosofia é centro do ensino. Se o conteúdo é organizado de forma temática, temos um ensino de filosofia cuja história é referencial. Para os autores do livro, apoiados em Nietzsche, o conteúdo organizado historicamente corre o risco de virar enciclopedismo. Apresentar sistemas geraria indiferença, desprezo e aversão. A escolha deveria ser a temática, portanto.

- Certo. Mas, a questão da história da filosofia ainda permanece. O que escolher?

- Sim, para responder essa questão, Deleuze é chamado mais uma vez para a conversa. A história da filosofia não pode ser algo linear e evolutivo. Mas como uma palheta de cores dispersas mais ou menos em círculo, comunicando-se e estando passíveis de escolhas, relações e confrontações. Isso nos levaria mais uma vez para o binômio “filosofia e filosofar”. É preciso enfrentar essa questão de frente. Para isso, os autores lembram primeiramente a forma como Hegel trata do problema. Para Hegel, (1770-1831) – conhecer a filosofia e sua história já é filosofar, de certa maneira. De modo que, no limite, tal distinção entre filosofia e filosofar deve ser superada. A Filosofia, de saída, não é apenas um método de habilidade e competências do pensamento, esvaziado do conteúdo. E com apenas conteúdo, negando a atividade inerente a sua própria natureza. Pois a filosofia engloba necessariamente as duas coisas.

- Certo. Mais alguma coisa? – perguntou o editor.

- Resta responder uma pergunta fundamental: Para que ensinar? Mas, antes é preciso só fazer uma referência questões de ordem prática. Como despertar o interesse, como ensiná-los a ler textos, a escrever e avaliar. O método de ensinar seria um conjunto cujas partes são a leitura filosófica, história da filosofia e escrita filosófica. Já a criação da experiência filosófica deve ser realizada seguindo as seguintes etapas: sensibilização, problematização, investigação e conceituação. Todas permeadas pela avaliação.

- Certo, mas afinal, para que ensinar filosofia?

- Para lutar contra a opinião que foge do caos. É preciso conviver com o caos. Deve ser um exercício de recusa da opinião, uma transversalidade – atravessar as áreas de conhecimento e deve ser uma pedagogia do conceito – ensinar a criar conceitos.

Silêncio entre os dois. William parecia estar escolhendo suas próximas palavras com cuidado.

- Veja, sempre reafirmar o caos. “Enfrentar”, “mergulhar”, nunca resolvê-lo ou até mesmo **questionar sua existência**. Se é assim, é isso que tenho que ensinar aos alunos. Que a realidade é um caos, que estamos à beira do caos, que ameaça nos engolir. O ápice dessa pedagogia seria então fazer o aluno “tomar consciência” do caos. Porque é ele o plano onde a filosofia pode agir. É evidente que estamos longe dos gregos. Para eles, não há caos. O discurso deve refletir uma harmonia que já existe no universo. Não é uma imposição de ordem. Mas, uma harmonização constante, passível de erros, acertos, revisões, enriquecimento e, finalmente, desenvolvimento.

Agora – continuou William - sob o ponto de vista prático, imagine ter que explicar para os alunos, seja em uma sala de aula seja em um livro, que o caos existe. Eles não fazem a menor ideia do que significa essa noção. E me parece ser um absurdo passar um tempo para provar que o caos existe e que, por existir, é preciso usar o conceito. Digo isso porque me parece que a experiência imediata da maior parte dos alunos não é a do caos. Mas, sim de um silêncio provavelmente harmônico, justamente, porque a experiência de experimentar o caos em seu pensamento não é algo que eles realizaram ainda. Mas o que mais me espanta nem é exatamente isso.

- E o que é?

- Bem, se Deleuze estiver correto, todo meu esforço ao escrever deveria ser focado para esse estranho par: caos e filosofia. Sendo que última, não resolve o caos, apenas “enfrenta-o”, “mergulha” no caos, etc. Várias vezes me vi em sala de aula, e no momento de escrever, tentando encontrar maneiras criativas de dizer que nada faz sentido (pois esse é o significado de caos) e que a filosofia não pode resolver isso, no máximo, deixar isso mais clara, organizar o caos, enfrentá-lo, etc., por meio de criações de conceitos ...

- É uma imagem pitoresca, para dizer o mínimo. E como os alunos recebem isso na prática?

- Observo em geral três reações a isso: um aprofundamento do desinteresse e a criação de uma postura niilista de um lado e reivindicatório de outro. Vamos por partes. O aprofundamento do desinteresse pode ser expresso da seguinte maneira: “poxa, se nada faz sentido, por que diabos vou pensar sobre isso? Nem essa filosofia pode me ajudar propriamente. Vou mais mesmo estudar para o vestibular, arranjar um bom emprego e esses filósofos que fiquem enfrentando o caos”. Essa é a reação da maioria, pelo que posso indicar de acordo com minha experiência.

- Um absurdo.

- Sim, mas por outro lado parece ser uma decisão bem razoável. Se só há caos que não pode ser superado, porque se dar ao trabalho?

- Pensando dessa maneira...

- Agora, sobre a postura niilista e a reivindicatória. Elas são consequências presentes em uma minoria. Mas uma minoria constante e crescente. A primeira harmoniza-se com o caos, e se nada faz sentido, isso é o “fundamento” perfeito para não estudar, não se importar, “não dar a mínima”, e, às vezes, usar o aprendizado de criação de conceitos para “provar” aqueles que ainda se importam, que não vale a pena se importar. Já a segunda postura, a reivindicatória, abstém-se da compreensão da realidade (aliás, as três posturas abstêm-se), e usa essa criação de conceitos para mais ou menos (muito “menos” do que “mais”) exigir uma série de transformações. “Se nada faz sentido, vou forçar a fazer” podemos resumir assim.

- Mas a transformação da realidade não é o objetivo de toda pedagogia?

- Tenho minhas dúvidas. Acredito que o objetivo do ensino deve ser compreender a realidade e transformá-la somente se se julgar que isso é necessário. Pode soar estranho, visto que não é evidente que o mundo precisa mudar?

- Não é evidente?

- De certo modo, sim. Por outro lado, em filosofia, partir de evidências tão colossais é no mínimo, temerário. De outro lado, se você não compreender a realidade não pode saber se essa última deve mesmo mudar, como deve mudar e com qual objetivo. “Se”, “como” e “com qual objetivo” são três coisas que vem depois da compreensão da realidade. O que temos nessa postura reivindicatória é muitas vezes uma reivindicação sem compreensão. No final, eles sabem exigir mais do que entender.

- Compreendo.

- Em resumo. Ninguém quer realmente entender. Os primeiros, porque há coisas melhores a fazer (ganhar a vida). Os segundos, porque isso não importa. Os terceiros, porque isso é secundário.

Mais uma vez, silêncio entre os dois.

- Então – prosseguiu finalmente William – estou paralisado porque tudo que escrevo até agora converge mais ou menos para essa situação na qual não acredito e sinceramente não posso concordar. Ao mesmo tempo, sinto que me falta forças para tomar outra direção. Não tenho forças, quer dizer, será que penso nisso sozinho? Que estou maluco? Que não enxergo as coisas tais quais como são?

- Acho que você está exagerando... – respondeu o editor já com medo que essas perguntas compromettesse o prazo de vez.

- Acho que não estou. Pois agora vejo, depois mesmo dessa conversa, que a resposta é mais simples, e, portanto, mais dura, do que imaginei a princípio.

- E qual é?

- Que há defeitos básicos em minha formação. É muito improvável que eu tenha chegado a essas conclusões de forma original... Nada de novo sob o sol, certo? Alguém já

deve ter pensado nisso. Quero dizer, não estou convencido da educação que tive. Vejo mais do que nunca limitações nelas. Mas, deve haver outras, não deve? Eu preciso voltar a estudar.

- Isso quer dizer que você não vai cumprir os prazos? – perguntou o editor já prontamente alarmado.

- Não – riu William – não quer dizer. Eu vou cumpri-los. Mas fico com a sensação que meu trabalho não pode continuar assim. Eu preciso urgente voltar a estudar. E será uma coisa longa, desgastante. Não sei se terei a paciência para isso. Urgência e paciência parece ser o par que quer me tirar para dançar agora.

- Desde que cumpra os prazos – riu o editor – Isso foi uma piada, ok?

- Ok – respondeu William. Sem rir, nem se irritar. William tentava equilibrar a urgência e a paciência dentro de si.

Livro III

Capítulo 1 – A sabedoria dos modernos: Comte-Sponville e Luc Ferry.

Para escrever os livros William precisou estudar cada vez mais. Isso fez com que a Filosofia ficasse presente em sua vida por mais tempo. E numa situação inédita. Era seu trabalho. Ainda que desistisse pessoalmente daquilo, tinha um trabalho a fazer. Isso o obrigou a conviver com velhas questões. Como iria ensinar algo que, segundo aprendeu, não busca a verdade, busca no máximo, um consenso relativo, uma criação de conceitos, um trabalho com textos? Diante das grandes questões da vida, são essas três coisas que William poderia oferecer a quem lhe vier pedir conhecimento? Aliás, seriam essas três coisas com as quais teria com que se conformar para conduzir sua própria vida?

De forma diligente, e nunca explícita, tentava procurar novos caminhos. Havia lido alguma coisa dos filósofos contemporâneos franceses André Comte-Sponville (1952-) e Luc Ferry (1951-). Havia gostado do que lera, embora não soubesse exatamente o porquê. Certo dia, conversando com seu velho amigo da faculdade, William teve coragem para tentar sintetizar o que aprendera com os dois filósofos franceses.

- A Filosofia não está tão perdida assim. Mantendo ainda as premissas que aprendemos na Faculdade, podemos ainda direcionar a reflexão filosofia para uma busca de sabedoria.

- Como assim?

- Senta aí que vou te contar.

- Sponville e Ferry tentam sintetizar o que pensam em uma obra chamada *A Sabedoria dos Modernos*. Sendo que essa “Sabedoria” se refere ao conhecimento filosófico sobre a vida, e esses “Modernos” se refere à, claro, Sponville e Luc Ferry.

- Certo. Então temos mais uma dupla de pós modernos?

- Não se dizem pós-modernos porque possuem restrições com a chamada pós-modernidade. Preferem dizer que são modernos, justamente porque consideram que pode haver uma sabedoria provinda da Filosofia Moderna. Para tanto, eles tomam como ideal

Spinoza, no caso de André Comte-Sponville e Kant, no caso de Luc Ferry. Com isso conseguem traçar as linhas gerais de seus projetos. Essa sabedoria moderna seria aquela que poderia ajudar o ser humano a obter o máximo de felicidade com o máximo de lucidez. Já ouviu isso em algum lugar?

- Sem perguntas retóricas, William.

- Por quê, não? Elas são tão legais. Enfim, ora, tal projeto é o mesmo da busca pela sabedoria que os filósofos antigos nos aconselhavam a viver, mas agora devidamente adaptada aos ensinamentos “insuperáveis” da Filosofia Moderna.

- O que temos aqui – comentou o amigo – parece ser uma busca pelo significado originário da Filosofia e sua adaptação às questões contemporâneas.

- Sim, sem dúvida. Entretanto, mais especificamente esse projeto procura por um lado fazer reflorescer o diálogo (próximo ao sentido socrático do termo), e por outro, combater tanto a sofística quanto o niilismo. Ambos pensadores estão empenhados nisso, mas fazem isso sob perspectivas diferentes: Materialismo de um lado (Sponville) e Humanismo de outro (Ferry). E fazem isso com uma clareza de texto que deve ter como alvo um público cultivado.

- Certo. Mas o que eles entendem por Modernidade? – perguntou o amigo.

- Consideram modernidade o mundo pós o fim do mundo teológico-político, tal como definiu Max Weber. Assim a sabedoria que procuram deveria ser pensada para além da religião, por exemplo.

- É um projeto e tanto.

- Sim. Acho que por conta justamente disso, fazem uma ressalva. Não estão seguros das respostas, mas estão seguros da pertinência da questão. De fato, a questão de busca por sabedoria foi abandonada. Só o fato de eles trabalharem para esclarecer (ou relembrar?) a pertinência da questão me parece ser um projeto que vale a pena, no mínimo, ser estudado.

- É verdade.

- Para isso, é preciso certamente resgatar a pertinência da própria Filosofia. E fazem isso da seguinte maneira. Peguemos por exemplo a relação entre a Filosofia e Ciência.

Sponville e Ferry (eles concordam nesse ponto) a Filosofia só pode falar sobre o que a Ciência ainda não descobriu. “*Quem filosofaria hoje (o que se fez durante dois mil anos) sobre o movimento dos astros, sobre a existência do vazio ou sobre a origem da vida? Não que não exista nesses domínios mais nada a conhecer ou a demonstrar; mas sim porque se trata precisamente de conhecimentos, de demonstrações, de experimentações, e porque nenhum espírito informado espere que Filosofia se encarregue disso*¹²”.

- Mas, William. E as consequências filosóficas das descobertas científicas? E até mesmo os significados filosóficos que podem ser dados a descobertas científicas, sem que o próprio cientista perceba, como bem nos avisava Henri Bergson (1859-1941). Como era mesmo que ele dizia?

- “Pedimos apenas à ciência que continue científica, que não se transforme numa metafísica inconsciente que se apresente então aos ignorantes e aos semidoutos sob a máscara de ciência”.

- Meu Deus. Você decorou a frase?

- Sim. É quase um mantra pessoal que tenho.

- Jura?

- Não. Eu a tenho anotado aqui.

- Certo.

- Bem, mas vamos continuar com o argumento. Eles chegam mesmo a afirmar: “*quem não vê que, hoje, as ciências nos ensinam mais sobre o mundo e sobre o vivente do que os filósofos?*”¹³ e “*Há obras primas que não mais reveremos: ... a Física de Aristóteles, a Metodologia de Leibniz...*”¹⁴

- Ok, e o que é a Filosofia para eles então?

- A Filosofia seria uma prática discursiva que tem a vida por objeto, a razão por meio e a felicidade por fim. Pensar melhor para viver melhor. Sem religião, e, como vemos, nem

¹² FERRY, L., SPONVILLE, A. C. *A Sabedoria dos Modernos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Pgs. 494 2 496.

¹³ Idem. Pg. 495.

¹⁴ Idem. Pg. 495.

ciência, justamente porque a sabedoria é algo que não pode ser demonstrável. O que é o mesmo que dizer, e de fato eles dizem que “se um filósofo tivesse êxito, não seria mais Filosofia: seria ciência”¹⁵.

- Do jeito que eles pensam – interrompeu o amigo - se Deus existe, e a verdade existe, a Filosofia acaba. Porque perderia o sentido.

- Verdade. Para eles, a Filosofia só faz sentido porque não podemos conhecer tudo. E assim, de maneira racional (mas não dogmática) teríamos que nos virar com o que sobra, ora, com Filosofia.

- Eles não poderiam pensar que ainda que Deus exista, e a Verdade exista, restaria um esforço infinito para tentar elucidar essas verdades na mente humana?

- Olha, isso é uma possibilidade. Mas, como eles mesmos disseram, seus pressupostos são modernos. Como um kantiano como Ferry (ou neokantiano, não sei bem como se chamam esse pessoal hoje em dia) poderia raciocinar sob a premissa da existência, ou melhor, sob a premissa do conhecimento de Deus?

- Certo. Prossiga.

- Prossigo. Para eles, a Filosofia traz sua força nos argumentos, não nas provas. Por sua verossimilhança, não por sua evidência. Sponville gosta de citar Pascal: “Temos uma incapacidade de provar, que nenhum dogmatismo pode vencer. Temos uma ideia da verdade, que nenhum pirronismo pode suplantar” – fragmento 395.¹⁶ A Filosofia entraria justamente no espaço entre o dogmatismo de um suposto conhecimento da verdade absoluta e o de um ceticismo radical. A Filosofia, enfim, viveria nesse campo do provável, como eles dizem mesmo, da verossimilhança.

- Isso não os faria ficar bem próximo da sofística?

- Talvez. Mas, entendo o argumento. Ficar no campo do provável não é o mesmo que ficar no campo do puro relativismo. Mesmo porque há uma hierarquia sobre o que é

15

¹⁶ PASCAL, B. *Pensamentos*. 4ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Pg. 132.

provável, ou seja, algumas coisas são mais prováveis do que outras. A Filosofia poderia nos ajudar a percorrer graus superiores de probabilidade.

- Isso parece bastante com Aristóteles quando esse diz que o conhecimento da realidade empírica só pode ser um conhecimento aproximado.

- Sem dúvida, interessante né? Com a diferença que Aristóteles dizia que além desse conhecimento provável havia também um conhecimento mais rigoroso das realidades primeiras, mas essa é outra história.

- Ainda assim, eles se aproximam muito da filosofia clássica.

- É verdade. Ainda que façam restrições que julgam necessárias. Vou citar um trecho para ficar mais claro: “Para que pode servir a Filosofia contemporânea? Para a mesma coisa que a Filosofia antiga, mas num mundo transformado: para viver melhor, uma vida mais razoável, mais lúcida, mais livre, mais feliz... pensar sua vida, como tenho o costume de dizer, e viver seu pensamento: é a mesma Filosofia, hoje como no tempo de Sócrates, mas a vida não é a mesma, mas a sociedade não é a mesma, mas o pensamento não é o mesmo, e é por isso que cada época deve inventar sua Filosofias, ou suas Filosofias, continuando, é preciso, as do passado.”¹⁷. Sabedoria é compreender que não há salvação possível.

- Certo.

- Mas isso é certo mesmo? O ceticismo de páginas anteriores tem mais premissas tidas como certas do que imaginávamos. Partindo de premissas modernas, Sponville e Ferry admitem que suas filosofias são delimitadas pelo o que ignoram. Pensam também que a Filosofia moderna é praticamente a antípoda da Filosofia enquanto modo de vida. A Filosofia moderna seria demasiado técnica, de modo a criar campos especializados do saber. E com o tempo, tornou-se muito mais uma disciplina escolar e universitária do que propriamente um modo de vida.

- Eles têm razão nesse ponto, não?

- Também penso assim,

- E o que eles dizem sobre esse novo interesse pela Filosofia?

¹⁷ FERRY, L., SPONVILLE, A. C. *A Sabedoria dos Modernos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Pgs. 501 e 502.

- Sobre o fato de a Filosofia estar na moda, além de ser necessário fazer as questões rituais, do tipo “por que esse entusiasmo?” “O que ele significa?” “Que espaço preenche?” “Que vínculo mantém com o declínio da política e a renovação do religioso?” etc., etc. e todas essas questões do tipo Trabalho de Conclusão de Curso ou até mesmo Mestrado, seria preciso ser mais realista com relação a isso. É simpático tal interesse. Mas, em breve esses amadores da Filosofia irão decepcionar quando chegarem até Kant, Hegel, por exemplo. Sem formação é impossível compreender esses autores. Decerto a cultura filosófica não é um fim em si mesma, mas não é absolutamente dispensável. Antes de “Pensar por si mesmo” é preciso “pensar por e com os outros”. Passado o primeiro entusiasmo, a paciência e a disciplina são obrigatórios. E sabemos como boa parte da pessoa (inclusive nós) lida com paciência e a disciplina.

- Sei. Com impaciência e indisciplinadamente.

- Exato. Mas, voltando. Para Luc Ferry a Filosofia é uma “grandiosa tentativa de secularização da religião cristã”. A Declaração dos Direitos Humanos é um cristianismo laico, que somente troca sagrado e alma por respectivamente direitos e indivíduos. Essa declaração pode ser lida tanto como emanada de Deus, como também pode ser fruto da convenção humana – como também como regras da razão. Assim, não é a Revelação de Cristo que funda moral, mas a “razão prática” de Kant. Hegel foi o ápice dessa secularização, pois esse justamente pensava que a Filosofia deveria realizar pelo pensamento o que a religião nos prometia pela fé: a reconciliação com Deus.

- Mas, se Hegel falhou, o que nos resta da Filosofia?

- Boa pergunta. É a mesma que eles se fazem. Deixe-me tentar explicar as motivações de Ferry. Se há algo de comum entre Ferry e André Comente-Sponville é uma vontade comum de tentar reativar algo que fazia parte do ideal das Luzes, isto é, um debate filosófico escrito em uma linguagem clara e acessível a não profissionais ou, em todo caso, ao público cultivado. Para eles, o pensamento de 1968 revela o último estágio das grandes filosofias de desconstrução que apareceram desde a metade do século XIX. A desconstrução da Filosofia moderna vai de Descartes até Hegel. Essa Filosofia, segundo Luc Ferry, tinha por missão secularizar os grandes temas da religião cristã. Secularizar a religião. Isso vem sendo desconstruído desde Freud, Marx, passando por Nietzsche até chegar ao pensamento de 68, ou seja, último estágio, ou estado. Nietzsche dizia que era preciso consumir o crepúsculo

dos ídolos, filosofar a martelo, ou seja, dizer à Filosofia moderna o seguinte: vamos levar até as últimas consequências seus princípios e ver a cultura do pensamento se auto esfacelar. Quem sabe daí renascerá algo novo? Para Luc Ferry, o pensamento de 68 apesar de tudo possuía um projeto emancipador. Se desejavam desconstruir os valores era para libertar o homem de certas ilusões e, nessa medida, dar continuidade, ao menos em parte, ao projeto do Iluminismo. Que isso tenha passado dos limites, e em direções que são absurdas e que acabaram por validar nos Estados Unidos o movimento desconstrutivista do “politicamente correto”, admitem que isso é verdade. Ou seja, antes Ferry pensava que o pensamento de 68 era anti-Luzes, mas agora pensa que faz ainda parte desse processo de secularização. Tal pensamento levou ainda mais longe o processo de secularização da religião cristã. No entanto, para Luc Ferry, o processo de desconstrução está concluído. Somos todos mais ou menos nietzschianos ou freudianos, todos mais ou menos marxistas ou heideggerianos.

- Você é alguma dessas coisas, William?

- Não.

- Nem eu.

- Pois é. Enfim, para eles já é evidente que o sujeito é despedaçado, que tem um inconsciente, que é preciso desconfiar das ideologias, que o racionalismo pode tomar formas perigosas e imperialistas. Esse é o estado até mesmo banal dessas “descobertas”. Trata-se de filosofar a partir daí. Portanto, o que resta, você pergunta. E eu também me pergunto. Ferry responde que resta ainda uma sabedoria provável. Uma sabedoria razoável diante da vida. Justamente por isso a pedra angular da sabedoria dos modernos é “torna-se adulto”. Chamam isso de processo de individualização que se caracteriza por saber conciliar si mesmo as trajetórias particulares e o desejo pela aquilo que temos em comum, pelo que nos é essencial, e pela qual participamos da humanidade inteira. Manter-se equilibrado numa linha tensa sobre um precipício, onde de um lado há um dogmatismo pela verdade, de um outro um “pírronismo”, um ceticismo radical ou mesmo um niilismo, onde nada é verdade, nada faz sentido. Equilibrar-se e não cair nesses dois extremos é tornar-se adulto.

- Sem idealismos utópicos, então?

- Sem idealismos utópicos. Agora mais especificamente para Sponville, no entanto, se retirarmos os gregos, não resta muito da Filosofia. A Filosofia é uma secularização da

religião? Sim, concorda Sponville com Ferry, mas não exclusivamente. E ainda que fosse, já está tudo secularizado mesmo. E o que resta?

- Essa é uma boa pergunta.

- Também acho. Sponville também raciocina de início contra a religião, mas depois mais contra a sofística e o niilismo. É mais coerente, de fato. Sponville é materialista, portanto, é imanentista. Sabe que a sabedoria é aqui e agora, isto é, não transcendente, isso porque aceitou as premissas da Filosofia Moderna (não se pode conhecer o transcendente). Entretanto, consegue enxergar o que perdemos quando tiramos o transcendente: só no resta o imanente. Devemos assim aceitar o real e, dentro do real, transformar o que deve ser transformado, se possível.

- Você me perdeu.

- Deixe-me tentar explicar. Sponville quer um materialismo ascendente. Um primado da matéria, mas com primazia do espírito. Admirava os modernos, contemporâneos ou pós-modernos, tais como Sartre, Althusser, Lévi-Strauss, Lacan, Bourdieu, Foucault e Deleuze. Mas os mesmos o haviam conduzido a um deserto. Ao mesmo tempo admirava os filósofos Epicuro, Pascal e Montaigne. Toma assim a resolução de retomar o passado originário da Filosofia, para poder “partir de novo em frente”. Aqui encontramos, portanto a necessidade de buscar novamente as origens da Filosofia, sem contudo, fazer uma estranha tábua rasa da Filosofia contemporânea. Lévi-Strauss é etnólogo; Bourdieu é sociólogo; Lacan é psicanalista; Foucault é mais historiador do que filósofo. Ser pós-moderno, era a imagem da pós-modernidade nos anos 1960/1970. No entanto, Sponville procura mais inspiração em Pascal do que o Foucault, pois quer voltar à maneira tradicional de filosofar. Ao invés de ser um novo filósofo, escolhe ser um filósofo antigo.

- Também quero ser um filósofo antigo – riu o amigo.

- Poxa, quem não quer? – respondeu também rindo, William.

- Muita gente, pelo jeito.

- Pois é. Mas, vamos lá. Ao mesmo tempo, Sponville não queria renunciar ao um desejo ao que chama de essencial e positivo na modernidade, que era a crítica das ilusões do sujeito, o que foi chamado de Filosofia da suspeita: Marx, Freud e Nietzsche. Tratou-se de

conciliar a Filosofia moderna, e sua crítica das ilusões do sujeito, com a Filosofia antiga, a busca da sabedoria. Não se trata, portanto de tecer um novo desenvolvimento das ciências humanas e nem um novo comentário acerca desta ou daquela obra, mas de se filosofar no fim do século XX, e a partir daí.

- Certo.

- Certo. Voltando um pouco a Luc Ferry. Esse último aceita a premissa da Filosofia moderna, isto é, não se pode conhecer o transcendente. Mas, reconhece também que o sentido das coisas é necessariamente transcendente. Logo, estamos sempre em direção ao transcendente, mas podemos conhecê-lo apenas parcialmente. Por isso sua resposta é o que chama de “humanismo horizontal”, isto é, sem acesso à transcendência.

- E desse humanismo secular podemos tirar alguma coisa?

- Acho que muitas pessoas se interessariam por ele.

- Mas, não você.

- Eu me interesso, sim. O problema é que o que a religião, a filosófica clássica, e Sócrates propõem é que a transcendência existe, mas que é também imanente, de modo que, e preste atenção nisso, **a transcendência do sentido dá suporte à imanência do sentido**. Em outras palavras, não sei se é possível, ou melhor, não sei se é suficiente esse “humanismo horizontal”. Nem também o imanentismo de Sponville. Luc Ferry pensa que transcendente pode até existir, mas não é possível ter conhecimento dele, portanto, devemos nos recolher em um humanismo horizontal. Sponville nem mesmo reconhece a existência do transcendente, de modo que devemos aceitar a realidade imanente, única que existe, e viver dentro dessa sabedoria possível.

- Certo. E qual sua conclusão?

- A obra desses dois pensadores forma um esforço muito interessante para tentar pensar uma sabedoria sem a transcendência. No limite, mostra o vazio deixado pela Filosofia Moderna e Pós-Moderna sobre o assunto da sabedoria. Ferry e Sponville fazem parte de um empenho para recuperar essa tradição clássica, mas dentro da orientação básica fornecida pelas filosofias modernas. O que diz, no mínimo, como faz falta a busca pela sabedoria na experiência humana. Além disso, a aproximação com os gregos é significativa. Como disse

acima, esse projeto trabalha para tentar recuperar e reaprender o que era a Filosofia em sua gestação originária. Quase como um esforço de lembrança. Como se tivéssemos nos esquecido de algo que nos é essencial...

- Você está com uma cara de quem vai dizer “mas”.

- Não. Cara de “entretanto”.

- Ok. Continue.

- Entretanto, filosofar como antigamente sem abrir mão dos ensinamentos modernos? Eu me pergunto por que não filosofar como antigamente sem abrir mão de *nenhum* ensinamento?

- Então...?

- Então, se eu quero realmente reaprender Filosofia, acho que eu deveria voltar às suas origens também. Mas, o tempo. Tudo leva tempo. Primeiro, eu deveria entender melhor o que está correto e o que está equivocado com o que sei até sobre essa história toda. Mas, eu preciso de ajuda. Sozinho, vai ser difícil.

- Sozinho é impossível dirão alguns.

- É verdade.

Entretanto, William permaneceu mais alguns anos sozinho.

Capítulo 2 – As limitações do texto

Mas William teve sorte, por assim dizer. E aprendeu da única maneira com a qual podemos aprender: como aqueles que sabem mais do que nós.

Mas não com os mesmos professores. Todos até aquele momento lhes diziam mais ou menos as mesmas coisas. Mas onde buscar se todas suas referências estavam viciadas? Como um inusitado método, William selecionava o nome de um antigo professor (tanto da universidade como um filósofo) pela qual sentia certa restrição e então digitava no Google “crítica à fulano” e de, tropeço em tropeço, e com um pouco de sorte, acabou encontrando alguns autores. Alguns novos professores. E esses o levou para outros.

Alguns desses professores já estavam mortos. A maioria, na verdade. E William se comunicava com eles por meio de suas obras. Outros, poucos, ainda estavam vivos e sem saber auxiliaram William nessa empreitada.

Em sua cabeça William começou a receber lições austeras sobre sua própria ignorância. Os professores travavam diálogos agudos, sem pudor de apontar as feridas da ignorância de William, para logo lhe mostrar o tratamento adequado. Era uma austeridade com objetivo, portanto, de iluminar suas potencialidades e, em última análise, ajudar William a ser tornar um adulto.

- A primeira coisa que você precisa reaprender é sobre esse método de leitura estrutural, que lhe foi ensinado – disse o professor.

- Que “ótimo”. Justamente a única coisa que sei fazer.

- Pois, é. Vamos começar.

- Ok.

- O método de análise estrutural dos textos criado por Martial Guérault no seu estudo clássico chamado *Descartes selon l’Ordre des Raisons* (*Descartes segundo a ordem das Razões*), segue o conselho do francês Victor Delbos (1862-1916) filósofo e historiador da Filosofia que dizia para termos cuidado com “jogos” de reflexão que sob a desculpa de encontrar significados profundos da Filosofia acaba por negligenciar sua significação exata.

- Isso. Essa ideia assegura que para não cairmos na negligência do significado exato dos textos devemos primeiramente adotar alguns procedimentos.

- Exatamente. Mas, antes que eu retome quais são esses procedimentos, é preciso verificar quais são seus pressupostos.

- Epa.

- O que foi?

- Tudo possui pressupostos. Por que nunca pensei nos pressupostos da leitura estrutural de textos?

- Pois é. Então, o primeiro pressuposto dessa ideia é que a Filosofia do filósofo está nos textos que ele escreveu. Nesses textos a forma lógica, a ordem da demonstração, o esquema de validação é tão importante quanto às teses propriamente explícitas e, às vezes, até mais importantes do que essas últimas. Além disso, e isso é importante, a estrutura lógica da argumentação nem sempre corresponde com a ordem linear do texto. A ordem linear deve ser compreendida por meio da estrutura lógica da argumentação.

- Certo. E daí?

- E daí que o primeiro pressuposto é temerário, pois esbarra em alguns dados históricos. Por exemplo, sabemos que Platão ensinou sua principal Filosofia somente oralmente para certos discípulos. Sabemos disso por certas alusões que o mesmo faz nos escritos que chegaram até a atualidade. O caso de Aristóteles é ainda mais exemplar, pois os escritos que conhecemos são apenas rascunhos de aula, muitas vezes sem ordem identificável. Uma de suas principais obras, *Metafísica*, é uma coletânea de textos independentes, escritos em épocas diversas, montadas depois por um estudioso que jamais havia sido aluno do filósofo de Estagira. Outro exemplo seria Leibniz no século XVI. O filósofo alemão não nos deixou uma exposição sistemática de sua doutrina, de modo que a mesma deve ser reconstruída por meio de outros documentos, tais como suas cartas, rascunhos e escritos de ocasião.

- Isso tudo é evidente, agora que o senhor está falando. Já sabia que parte da Filosofia de Platão não estava em seus textos, mas nunca liguei os pontos. Mas, certo, e daí?

- De novo esse “e daí?”. Ora, e daí é como você já começou a notar: já que temos em alguns casos uma filosofia que não está totalmente expressa nos textos, como a análise estrutural irá revelar as peças que faltam nesse quebra cabeça?

- Talvez não revelem. E o que temos que fazer é nos contentarmos com o que há escrito de forma explícita nos textos. Não é isso?

- Talvez. Mas, isso seria justamente ficar no âmbito limitado que tanto lhe incomoda: um contentamento somente sobre o que de há sistematicamente explícito em obras textuais “oficiais”. E isso me parece perfeitamente justo. Entretanto, ainda nos deixa mais próximos da uma filologia do que de uma busca por conhecimento da filosofia de determinado autor. É justamente daí que vem o chamado rigor.

- Espera. Rigor. Como assim?

- Rigor é justamente se manter estrito ao que está exclusivamente no texto lido. É acompanhar a “ordem das razões” do discurso do filósofo. De modo que o rigor serviria para diferenciar uma espécie de filosofia profissional de uma filosofia literária. A filosofia profissional seria aquela que é séria, que é Filosofia mesmo, ou seja, que se mantém no texto. A segunda é amadora. Quando muito é literatura ou jornalismo, quando pouco, seria auto-ajuda.

- Mas, não teremos uns excelentes conhecimentos dos textos com esse método? Não é uma condição necessária para a investigação da Filosofia?

- É uma condição necessária para a investigação da Filosofia, sim. E no caso de só querer se conhecer o texto, é uma condição necessária e suficiente. Mas, veja aqui, eis o ponto central: não é uma condição suficiente se seu interesse não é o texto, mas ora, a verdade, a descoberta. Veja, se tomarmos a Literatura como exemplo de comparação isso pode ficar mais claro. Na Literatura o escrito é meta. Se o escritor deixou de colocar no romance parte de seu desenvolvimento, isso não pode contar como análise do romance. Mas, em Filosofia, a meta não é o texto, mas é um conhecimento verdadeiro sobre uma experiência humana ou do mundo.

- Mais uma vez, isso parece evidente agora que o senhor falou. Como isso foi me escapar?

- Depois pensamos sobre isso. Continuando. Ora, uma obra literária é um símbolo. Um símbolo não é a cristalização de um significado exato, mas sim uma “matriz de intelecções”, como explica Suzanne K. Langer (1895-1985), filósofa e educadora americana, que permite mesmo a abertura de significado dentro da forma acaba do texto literário. Dentro de uma obra “acabada”. Já um escrito filosófico idealmente teria que ter um significado exato. Mas, sabemos perfeitamente que um texto escrito não permite isso por sua própria natureza. De modo que necessariamente um texto de um filósofo conterà sempre conclusões provisórias, que a princípio deveriam continuar até a morte do autor. O texto de uma filosofia determinada, logo, será consecutivamente uma obra provisória e aberta. Essa obra precisaria ser completada com elementos “externos” que estão justamente fora do texto que nos deparamos. Elementos externos tais como declarações, dados da vida, anotações não publicadas, etc. do próprio filósofo.

- Dados de vida, você diz?

- Sim.

- Por quê?

- Porque poderiam revelar qual o peso da Filosofia construída para o próprio filósofo. Por exemplo, voltando ao velho Sócrates, quando ficamos sabendo que o mesmo aceitou a condenação à morte e até mesmo escolheu não fugir dela, temos a noção que sua postura filosófica diante da imortalidade da alma não era da “boca pra fora”.

- O senhor disse “da boca pra fora” – perguntou William.

- Sim, por quê?

- Por nada, continue.

- Isto é, a menção à imortalidade para Sócrates não era mera especulação filosófica. Era algo central mesmo de toda sua filosofia. É parte da filosofia socrática o grande encontro entre Platão e Sócrates e o conflito mortal desse último com a classe política dominante. Sócrates pautou sua vida para descobrir as leis não escritas, a norma divina que está além das leis humanas, mesmo que essas últimas fossem na época supostamente democráticas. Sócrates foi levado a essa busca pela decepção com a classe dominante desonesta, que prometia justiça, mas entregava uma demagógica democrática. É nesse contexto que Platão

vê em Sócrates “o” filósofo. E a análise platônica irá partir do reconhecimento desse dado concreto e vital de Sócrates. A partir daí, diante da crise política e da crise velha ordem cósmica (expressa pelos pré-socráticos), Platão coloca o filósofo surgindo como um homem, que sem contar com apoio das crenças vigentes, das classes políticas, das leis mais ou menos corrompidas, busca um padrão de ordem no único lugar que resta: no fundo de sua própria alma. Em suma, toda a Filosofia de Platão é um esforço de explicitar teoricamente o que ele “viu” na alma de Sócrates.

- Então posso dizer que a filosofia platônica queria explicar filosófica e sistematicamente como Sócrates viveu sua vida.

- Em parte, sem dúvida. Em outro exemplo, quando percorremos a biografia de Leibniz, ficamos sabemos que ele fez de tudo para unir protestantes e católicos. Eis seu esforço prático que está profundamente relacionado com seu conceito filosófico sobre a harmonia universal.

- Não era algo da boca para fora também. Não era uma mera hipótese lógica. Não era um mero “conceito”.

- Sim. Em suma, se ficarmos apenas nos textos, não teremos as raízes existenciais das quais os conceitos saíram. E isso não é somente um detalhe. Pode ser um detalhe para o texto, mas não é um detalhe para aquilo sobre o que o texto está falando. Não se trata só de conhecer o que Platão escreveu sobre a justiça, mas de buscar conhecer a justiça e usar Platão como auxílio. Tomado somente o texto, corremos o grande e talvez inevitável risco de fazer da Filosofia uma Literatura. E apenas para ressaltar que não se trata de uma questão de abandonar o rigor, é preciso dizer que, ao contrário, se queremos realmente o significado exato devemos ir além do texto.

- Então, a leitura estrutural do texto, que foi grande parte (se não a única) de minha formação, não é totalmente inútil?

- Claro que não. É necessário de fato que seja realizado a análise estrutural de Guérault. Mas, complementando isso deveríamos também utilizar o método de Paul Friedländer (1882-1968), filologista alemão. Esse método parte da premissa que por trás dos documentos escritos oficiais há também a própria experiência de vida daquele filósofo, cujo percurso deu origem as suas intuições centrais. Para compreender, portanto as “premissas

maiores” de cada filósofo, digamos assim, é preciso entender literalmente de onde o filósofo retirou aquilo. O que motivou suas ideias. Dependendo dos motivos e como ele lidou com esses motivos fica mais completo a compreensão de sua filosofia. Se ficarmos somente no texto, a atividade filosófica que nos propomos irá inevitavelmente se transformar em algo muito próximo da filologia. Ficaremos apenas com a parte discursiva, sem saber que experiências vitais motivaram o filósofo a fundar uma nova filosofia. Porque, no limite, uma filosofia é a maneira pela qual um filósofo conseguiu organizar intelectualmente sua maneira de lidar com a vida. Nem sempre o texto contém essas motivações, essas questões em que determinado filósofo realmente acreditava. É o que faz, por exemplo, Franz Rosenzweig (1866-1929), filósofo judeu/alemão, escrever numa trincheira da I Guerra Mundial que o estudo de Filosofia (apenas dos pensamentos escritos) não lhes deu nenhuma resposta decente para as questões, ora, realmente importantes de sua vida. Questões realmente importantes, quer dizer, questões com as quais podemos nos compreender existencialmente.

- Isso me faz me lembrar de Descartes quando eu lia *Questão de Método*. Nessa obra, ele contava as experiências concretas de vida que o motivaram a construir sua própria filosofia. Eu pensava na época que era incrível um livro de filosofia moderna, ainda mais sobre metafísica, incluir fatos concretos tão corriqueiros. Quer dizer, já havia sido quase totalmente incutido em mim a ideia segundo a qual essas experiências vitais nada tinham a ver com o produto final da filosofia. Por outro lado, isso também explica muito a sensação de desgosto e deslocamento que sentia dentro da Universidade. Todas as questões que poderiam me ajudar a me compreender existencialmente não eram nem consideradas objetos de estudo, ao menos, a princípio.

- Realmente, podem explicar. Portanto, é preciso tentar reviver na sua própria imaginação as experiências vitais do filósofo de onde partiram as motivações para suas intuições centrais. Assim podemos encontrar a chave de significação da Filosofia que nos dispomos a conhecer. Em resumo, a investigação necessita da análise estrutural do texto, mas usada como um meio de uma investigação das experiências fundadoras das questões e buscas filosóficas. O texto não é único o objeto formal do estudo. É uma parte essencial, mas não plena da busca filosófica de determinado ser humano. Que foi?

- Bem, eu fiquei sabendo disso somente agora. Mas tudo isso era uma intuição que eu tinha, mas que, por ingenuidade, má formação e inexperiência, não sabia expressar na época.

- Sem dúvida, agora, com esse novo conhecimento, é possível tomar uma decisão com um espectro de possibilidades maior.

- É algo que preciso urgentemente considerar.

- Nem com tanta urgência assim. Como dizia Goethe, é urgente ter paciência. O estudo leva tempo e isso é apenas natural.

Capítulo 3 – Isso foi apenas o começo.

- Gostaria de continuar focando na ideia segundo a qual a filosofia tem base em uma experiência vital, de maneira que procurar nortear essa última. Fico pensando se isso não é perigoso. Não corremos o risco de cairmos numa espécie diletantismo?

- Vamos por partes. Platão, segundo Julius Stenzel (1883-1935) filósofo e filólogo alemão, jamais concebeu o aprendizado como coisa de puro intelecto. O aprendizado não deveria ser destinado somente ao aperfeiçoamento do intelecto, mas era algo que deveria ter influência na totalidade da condição humana. Ou seja, aprender seria a formação de um ser humano para a íntima relação para consigo mesmo, para com o outro e para com o mundo. Em complemento a essa ideia, A.E. Taylor (1869-1945), filósofo britânico, escreve que, para Platão, nada poderia ser apreendido por mera instrução. Fazer isso seria enganar-se totalmente na busca da verdade. Você provavelmente já deve ter lido acusações contra Sócrates, muitas com fundamentos, outras que simplesmente afirmam que Sócrates era um chato.

- Sim, eu tomei contato com isso na faculdade e em outros lugares. Acusa-se Sócrates de chato porque esse instigar questões sem repostas apenas por um diletante prazer de colocar o próximo em contradições.

- Pois bem. No entanto, em primeiro lugar, muitíssimo ao contrário, Sócrates não puxa briga contra ideias quaisquer, mas contra aquilo que era tido como a posição científica mais séria, isto é, do mais alto grau de conhecimento atual. Se hoje em dia essa *dóxa* ateniense nos parece ridícula é graças justamente ao empenho de Sócrates.

- Certo. Isso é um detalhe importante. E me passou despercebido também.

- Desse modo, a equação não se monta colocando Sócrates e razão de um lado, e pseudos sábios e opinião do outro. Isto é, não se trata de colocar contra a opinião à razão, porque justamente os políticos que mataram Sócrates também usavam de razão. Compreende?

- Compreendo. Isso já diferente do que lemos nos manuais de filosofia. A ideia básica é dizer que Sócrates “valorizava a razão”, era contra as “opiniões”, “incentivava a reflexão” essa espécie de jargão genérico.

- Certamente.

- Qual a diferença, então? Entre Sócrates e os políticos que o mataram?

- A diferença reside numa experiência mais profunda de discussão. **Sócrates fala como indivíduo**. Isto é, seu único respaldo é sua própria consciência. Seu objetivo e método é contemplar sem defesas a fragilidade de sua própria alma.

- Muitos comparam Sócrates aos sofistas. Não é uma crítica nova.

- Sim, e isso é um erro comum mas colossal. A postura de Sócrates não se traduz apenas em desconstruir argumentos, mas também em despertar em si mesmo (e no outro – seu interlocutor - quando possível) o senso moral por meio do aprofundamento das questões propostas. Os políticos baseavam suas ideias no senso comum das leis da cidade. Isso poderia até ser bom em alguns casos (até mesmo em muitos), mas não era suficiente. Para buscar a verdade, era preciso contar com os critérios mais profundos encontrados na profundidade da alma de cada indivíduo. Filosofar seria justamente isso. Encontrar esses critérios no fundo de sua alma.

- Ora, professor. Então, podemos concluir que a filosofia enquanto experiência vital não só é possível, mas como era projeto original do filosofar.

- Certamente.

- Como podemos achar que voltar a isso seria uma traição ao seu rigor? Não é justamente o contrário?

- Sim, é justamente o contrário. Mas para responder sua primeira pergunta, devemos fazer uma outra: Por que Sócrates não é mais referência para a Filosofia? - continuou o professor.

- Sim, começo a achar curioso que numa cultura filosófica que diz ser a questionadora por excelência, mesmo em muitos dos autores atuais, vemos que ela possui mais pressupostos (às vezes mais conscientes, outras vezes não) do que gosta de admitir – comentou William.

- Sim. Para responder isso é preciso de um olhar específico. Há certamente um corte na maior da visão das histórias da Filosofia. Ao menos naquelas que temos trabalhado

imediatamente na Universidade e na experiência da escola do Ensino Médio. A visão “apostilar” da história da filosofia diria que existe a Antiguidade, onde a Filosofia nasceu, a Idade Média, onde ela foi adormecida, a Idade Moderna, onde ela recomeçou, e a Pós-Moderna, onde ela está em crise.

- Sim. Isso é o senso comum, mesmo entre muitos daqueles que escrevem sobre filosofia. No entanto, sempre tive a impressão do seguinte, embora eu tivesse vergonha de admitir: A Pós-Modernidade ergueu-se muitas vezes na erudição primorosa da crítica à Modernidade sem, no entanto, questionar alguns dos pressupostos básicos dessa última. Em outras palavras, o discurso pós-moderno não se fatiga de desconstruir os dogmas da Filosofia Moderna, mas julga, assim como a Filosofia Moderna, que a Idade Média e a Antiguidade realmente devem ser esquecidas. E no máximo serem trabalhados para fins de erudição ou, como dizem, como objeto de puro interesse historiográfico.

- Perfeito. Há assim um dogma intransponível da Modernidade em geral, e da Filosofia universitária em particular, da qual ela se alimenta: Kant e a impossibilidade da metafísica e a independência entre as esferas de Valores, de Max Weber. Ambos formam dogma central de toda Filosofia Moderna.

- Fico imaginando como isso foi acontecer.

- Isso tem uma história. Houve progressivamente a demolição das pretensões da Filosofia clássica. Que é existência? Que é nossa alma? Que é Deus? Qual é o sentido de nossa vida? Todas essas questões foram demolidas pela crítica kantiana, nietzschiana, freudiana, linguística, e das filosofias analíticas. Assim, o fim da metafísica é colocado como um dado consumado.

- Ora, e não é?

- Devemos primeiramente nos perguntar, foi assim que a Filosofia começou? Como vimos a Filosofia nasce como atividade consciente com Sócrates. Ele ensinava metafísica? Algumas sementes. Mas, na atividade filosófica de Sócrates não havia nenhuma finalidade de ensinar um sistema metafísico.

- Que queria Sócrates, então? Ele queria formar discípulos?

- Melhor seria dizer que queria formar filósofos. Isto é, Sócrates quer tentar educar a alma. Educar, ou seja, passar a alma por um processo, cujo objetivo é tornar os ouvintes conscientes de suas próprias crenças, atitudes, diante de um confronto diante de um forte sentimento perante a verdade. Sócrates apela à própria consciência. As pessoas são chamadas a serem testemunhas de suas próprias ideias. São chamadas a pensar mais seriamente em sua vida. “Que é justiça?”, pergunta Sócrates. E seus interlocutores respondem por opiniões públicas, opiniões gerais. A partir daí por meio da maiêutica, Sócrates faz com que esses recuem, saiam do senso comum, até chegarem às suas próprias consciências individuais. Desse modo, não mais como cidadão, mas como indivíduo, são levados a se defrontarem diante de suas próprias consciências.

- De cidadão para indivíduo – repetiu William, em voz alta.

- Sim. Por meio da interrogação você tem a chance de saber que o que você acabou de dizer não é verdade. Assim, esse sujeito passa a ser o buscador da verdade. A Filosofia é, portanto, um sistema pedagógico cujo objetivo não é passar um sistema, mas educar os homens para que esses sejam buscadores sérios e responsáveis da verdade, ou seja, amantes da sabedoria, ou seja, filósofos. Trocar o amor pela dóxa (opinião), pelo amor pela verdade. Verdade que não possuem, mas que passam a buscar.

- Minha nossa. O que aconteceu então na passagem do pensamento de Sócrates para Platão?

- Platão dá um passo a mais quando cria uma doutrina metafísica, cosmológica. Mas, o impulso originário de Sócrates não era passar uma doutrina. Ainda assim, ainda que o platonismo e também o aristotelismo possuam contradições entre si, tem algo em comum: o amor à sabedoria, ou ao menos a tentativa de a buscarem. É famosa a declaração de Aristóteles: “Gosto de Platão, mas gosto ainda mais da verdade”, ou algo assim. Eis o espírito. O amor à sabedoria não é o ensino de uma teoria, mas a descoberta de um senso profundo de verdade que deve ser ativado, ou melhor, despertado dentro da consciência de cada um. Sócrates quer mostrar o que todos já sabem, mas ainda não se deram conta. É preciso lembrar. Há uma instância profunda, digamos de forma clara, *imane*nte dentro de cada um. Tais questões não são de ordem política, social, metafísica, separadamente. Essas perguntas se referem à totalidade da experiência humana. Pode-se fazer cada pessoa recuar até a profundidade de seu próprio ser.

- Dentro do homem está a Verdade, então?

- Nessa profundidade, é certo que o homem não encontrará “a” Verdade, mas esse mergulho em sua própria profundidade lhe dará a abertura para a Verdade. O sujeito deve prosseguir, mas tal verdade não será encontrada de forma absoluta... As verdades que buscamos ainda estão distantes do conhecimento humano. Podem apenas ser ditas por símbolos, mitologias, referências, e enfim, por espiritualidade. **Mas, em resumo, o objetivo inicial da Filosofia não era criar metafísica, mas criar filósofos.**

- E aqui estamos bem longe da exclusividade da equação filósofo = rigor lógico.

- Sim, sem dúvida. Veja, Aristóteles pensa também que o homem pode ser desenvolvido a partir de seu centro existencial: o amor à sabedoria. Tão logo se desperte, esse centro deve ser o ponto de referência da vida diária. Tal é o objetivo de uma educação Filosofia para Sócrates, em parte também de Platão e Aristóteles. Mas, hoje temos a Filosofia como profissão universitária. Pouco tem a ver com o desenvolvimento do indivíduo como tal, mas como profissão burocrática. Entretanto, não é novo esse acontecimento. Isso tem início durante a escolástica, quando a Filosofia constituiu-se a profissão especializada nas universidades. Ainda assim, nessa época, havia ensino entre o século IX e XII. Nessa época o objetivo dessa educação universitária era educar pessoas, criar pessoas, educarem suas almas, para serem exemplos dessa centralidade. Justamente por isso os filósofos dessa época não deixaram documentos, pois tal não era seu objetivo. Justamente isso que *antecede* o século XIII, não à toa, auge da escolástica. A partir de então, a escolástica ganha força, até gerar uma revolta. Podemos chamar assim da revolta dos não profissionais da Filosofia: Descartes, Malebranche, Montaigne, Espinoza, Pascal, Leibniz. Não é coincidência que nenhum desses filósofos tenha sido um professor universitário. Nem também é coincidência que tenham escrito suas obras em suas próprias línguas maternas, ao invés do latim, a língua usada nas universidades. E também por causa disso é que não é à toa também que você se lembre de Sócrates ao ler Descartes, pois esse último cita o próprio Sócrates como seu mestre ao dizer que queria tentar encontrar a sabedoria por meio de sua própria atividade intelectual (justamente no *Discurso do Método*). Esses novos pensadores não profissionais abrem novas possibilidades.

- É irônico. Descartes ficou para mim como símbolo dessa exclusividade do rigor universitário. Não merecia a fama.

- De fato. Isso porque a tendência à profissionalização da Filosofia dá voltas. Essa revolta dos filósofos não profissionais com o tempo transforma-se em uma nova profissão. Surge, então, uma nova geração de filósofos profissionais não mais escolásticos, mas modernos. No século XX já há a generalização dessa profissionalização.

- O que nos leva aos dias de hoje e à minha formação.

- É justamente por isso que entre nós, hoje, a ideia da Filosofia como pedagogia da formação do filósofo praticamente desaparece, mais uma vez. E isso gera um fenômeno interessante. O fenômeno de justificação da Filosofia. Quanto mais a Filosofia se afasta de seu assunto principal, a formação do filósofo, mais passa a ter que justificar sua utilidade no meio das ciências. No entanto, a Filosofia é eminentemente formação da sabedoria. Não há nenhuma atividade intelectual que se proponha a isso.

- Ou seja, o assunto primeiro, o mais fundamental, continua sem dono.

- Sem dúvida. É por isso que a Filosofia “renasce”. Para tomar o lugar que nunca foi ocupado. O próprio lugar foi constantemente atacado, a ponto de ser considerado como não existente. *Mas, dizer que não existe não basta para a coisa deixar de existir.* E com uma sede de sabedoria permanece (ainda que digam que não há nem água, muito menos sede), e o homem, ainda que tornado cego, volta a querer a tatear no escuro.

- Ao que parece, a Filosofia está soterrada sob pilhas de crenças, dogmatismos, obstáculos, etc. Como podemos removê-los?

- Eis a pergunta que devemos fazer para prosseguir.

Capítulo 4 – Como, então, tornar-se filósofo?

- Certo. Então o que é preciso ser feito? – começou William.

- Como vemos fazendo, é preciso lembrar de Sócrates. Você já deve ter lido e ouvido falar do *daimon* que Sócrates dizia que o acompanhava.

- Sim, embora nunca tenha lido nada específico e aprofundado sobre a natureza desse *daimon*.

- Vejamos, então. O *daimon* (o espírito, o gênio) de Sócrates é uma instância julgadora. É um critério que está acima de Sócrates que justamente por isso o mesmo usa para se localizar. Em suma, é um critério transcendente que vive no interior da alma de Sócrates.

- Isso quer dizer que tais critérios estão mais próximos de nós do que imaginamos. Mas, então, por que nós não temos acesso direto a eles?

- Porque nós entendemos as leis eternas, embora não as conheçamos. Como Sócrates descreve esse aspecto verdadeiro? Ele conta um mito.

- Espere. Então, isso quer dizer o próprio Sócrates não tem esse conhecimento direto. O acesso é por vias indiretas.

- Exatamente. Então, chegamos onde queríamos chegar, pois isso significa que Filosofia seria uma constante atividade de esclarecer as questões essenciais sobre a vida humana conforme elas vão aparecendo na vida concreta de cada indivíduo. Ser filósofo é ter consciência das experiências filosóficas que aparecem em sua vida e a tentativa constante de esclarecer tais questões, podendo-se tentar perceber uma noção de unidade. E reconhecer também que em certo ponto as verdades de tais experiências nem sempre podem ser expressas em forma de discurso direto.

- Uma vida analisada não vale a pena ser vivida.

- Sim, mas não basta isso.

- Ah, ótimo. Como se isso fosse pouco.

- Aristóteles dizia que a Filosofia começa também com a aquisição das ideias dos sábios. Ora, adquirir as ideias dos sábios, somente isso, levaria talvez metade de uma vida intelectual para ser atingido.

- É urgente ter paciência.

- Sim, vê agora? É urgente. Por que precisamos aprender as ideias dos sábios?

- Bem, Hegel costumava pensar que a essência de uma coisa é aquilo que ela se torna.

- Certo, sob esse ponto de vista, para compreender a Filosofia deveríamos primeiro compreender a fase contemporânea dela e remeter (reconstruindo) sua história até as origens. Mas, isso só é plenamente realizável em processos uniformes de desenvolvimento. Tal como a semente que vira planta.

- Mas a Filosofia não se realiza um processo uniforme?

- Não. A Filosofia não se manifesta linearmente, nem mesmo numa espiral hegeliana. A história da Filosofia possui inúmeras portas de entradas e etapas de desenvolvimento. De modo que o produto “final”, no caso, atual, da Filosofia, não reflete perfeitamente suas orientações originárias. É preciso, pois encontrar o ponto original em que a Filosofia torna-se altamente consciente. Isso mais uma vez nos remete à Sócrates. A história da Filosofia deve ser ensinada, portanto, como o desenvolvimento, o uso, a modificação, a crítica ao projeto socrático. Aos poucos as conclusões vão se formando e suas atitudes começam a ser sustentadas racionalmente. O estudo a prática da Filosofia resulta na aquisição de **um senso de orientação razoável**. Até chegar à cultura contemporânea.

- Então o estudo da história de Filosofia não é secundário.

- De maneira alguma. A aquisição de cultura filosófica é condição necessária, no entanto, não é suficiente para se tornar filósofo. A Filosofia não era popular na época de Sócrates. Ele foi ouvido por poucos, seguido por ainda menos e, no final, foi morto pela maioria democrática e demagógica.

- Isto é, foi morto pelos intelectuais da época.

- Exato. Entretanto, ao menos viveu sua proposta de Filosofia, que se transformou mais tarde em academicismo, de um lado, em “casas do saber”, de outro. Essas

consequências não previstas, no entanto, não mudam a natureza da vida filosófica de Sócrates.

- Ok, devemos voltar até Sócrates. Só isso?

- Só isso, não. Pois isso implica enfrentar uma séria de obstáculos. Isso é apenas o ponto de partida, o que vem a seguir são entraves que devem ser considerados um a um.

- Por exemplo?

- Ok. Só a título de exemplo, foi citar o caso da Lógica. Ou melhor, à exclusividade que demos à Lógica na formação do filósofo. Mais uma vez, precisamos nos reportar a história da Filosofia. Veja, a Lógica é capacidade natural do ser humano; a Filosofia fez uso dela quase como instinto, antes de Aristóteles formulá-la explicitamente. A Lógica como técnica explícita, não era centro da Filosofia quando essa já tinha alcançado seus mais altos cumes, com Platão. Em outras palavras, Aristóteles, apenas realiza a exploração avançada de conceitos já abertos por Platão. E a Lógica é somente parte de sua obra. O objeto da Lógica é essencial. Mas, não suficiente. Separado da pedagogia da alma, a Lógica é mera técnica. Quando Aristóteles a formula, quer somente formalizar um processo que já estava dado na dialética e na retórica. Ou seja, a Lógica faz parte de um mesmo processo do retorno à consciência do sujeito.

- Ela faz parte, então, também do projeto socrático.

- Sim, pois a Lógica é, sobretudo, uma questão de honestidade intelectual. Em outras palavras, a Lógica tem fundamento moral. Pois a honestidade do discurso deve refletir a honestidade da busca da verdade. Não se trata de uma mera coerência interna do texto, mas lógica honesta para se chegar à verdade. O surgimento da Lógica só tem explicação dentro desse processo. A consistência do discurso refletiria uma consistência da alma. A Lógica surge depois de uma tradição de séculos de debates públicos realizada pela cultura democrática grega. Seu objetivo é não permitir que o discurso se desgrude da consciência. Não se trata da coerência somente do discurso, mas da coerência do discurso com a própria alma em busca da verdade.

- Entendo. Mas o que se observa na cultura filosófica contemporânea é justamente o culto separado desse fundo. O discurso da coerência de um texto tornar-se um fetiche.

- É justamente por isso que se ergue os maiores discursos intelectuais sem estar vinculada a qualquer base. Na busca pela verdade, lidamos necessariamente com seres humanos reais, a cuja consciência devemos apelar. Se o interlocutor é um mentiroso crônico, nada adianta. Ele pode estar engando, mas deve ser honesto para admitir que está errado. A coerência do discurso deve ser um reflexo da coerência do homem consigo mesmo. O discurso é produto do homem em busca da verdade. Mas, tão logo se descobriu as regras da Lógica, foi fácil criar discursos coerentes separados da busca da verdade. Formalmente correto só faz sentido no contexto da busca da verdade; no entanto, exclusivamente formalmente correto é como um instrumento fechado em si mesmo.

O professor fitou o semblante de William. Esse parecia recordar-se.

- Ser um buscador da sabedoria implica muito mais maturidade e não ingenuidade como minha formação me fez pensar.

- Sim, porque ocorre uma inversão. O que era para ser objetivo mais maduro passa a ser visto como ingenuidade, visto ser “impossível” o conhecimento filosófico na atualidade. As discussões sobre o fim da Filosofia, ou da inutilidade da Filosofia, ocorrem, portanto, porque ela não se dedica mais a usar sua principal tarefa: educação para busca da verdade. E boa parte dela se dedica atualmente a tarefas secundárias. É notável constatar a erudição formidável e um tanto quanto louca sobre a história do fim da Filosofia como também (quando não as duas) de sua inutilidade.

- Sim, é verdade. Era uma sensação bizarra e terrível estudar, escrever e produzir trabalhos sobre as limitações, quando não do próprio despropósito e até mesmo da inutilidade da Filosofia. Eu me sentia como que trabalhando sofisticadamente e com rigor para o meu próprio escárnio. O que restava, e o que eu deveria aprender era rir de mim mesmo; um riso desgostoso e triste. Não era à toa que nas rodas de conversas, havia uma estranha sinfonia de ironias e sarcasmos de um lado, e uma afetação de seriedade e rigor de outro. Parecia que nenhum lado queria realmente encarar a verdade: que aquilo não fazia o menor sentido. Um ria com rancor, outro fechava a cara. Acho que por um bom tempo eu fiz o papel desse primeiro tipo.

O professor ficou calado e deixou William concluir por si mesmo. William ao menos não havia ficado resignado à posição de irônico rancoroso e passou a procurar novas

perspectivas, ainda que aos trancos e barrancos. Talvez agora alguma luz estivesse sendo lançada nas trevas de sua mente.

Livro VI

Capítulo 1 – Conclusão em duas partes. Diálogo consigo mesmo. Parte I.

Agora, então, William faz o que deve fazer. O diálogo filosófico não deve ser travado apenas com um interlocutor por assim dizer, externo. Mas dialogar honestamente consigo mesmo, seja mentalmente, seja escrevendo, é um dos procedimentos daquele que deseja ser um responsável buscador da verdade, isto é, um filósofo. Aqui, portanto, William dialoga consigo mesmo.

- Fui para a Filosofia para fugir da tirania da opacidade do não pensar. Para dar luz a minha consciência. Para fugir do deserto sem sentido do tédio diário. Mas, na Universidade, aprendi a colecionar novas opacidades, agora em forma de erudição filosófica que, pouco a pouco, foi novamente apagando minha consciência, lançando-me em um novo deserto, de um cotidiano acadêmico. Assim, do deserto de uma vida “burguesa” foi chamado para entrar no deserto da vida acadêmica, quando não “revolucionária”. Em qualquer um desses desertos minha consciência morria de sede, quando não era enterrada com uma pompa e uma linguagem conceitualmente precisa.

- Verdade. Mas, ainda assim a consciência não morre. Tudo o que se pode fazer é jogar uma cortina por cima. Com o tempo, as névoas se adensam, sublimam-se para se tornarem quase sólidas. No entanto, a consciência permanece sem que pensemos nela. Vive, mesmo se estivermos distraídos. A questão, portanto, é que a consciência intensifica-se ou fica rarefeita. Ao que muito indica, ela estava rarefeita. Diante disso, cabe remover os obstáculos de seu caminho para que ela possa novamente se intensificar. Intensificar-se em forma de atenção. Pois a atenção irá realçar a realidade da consciência.

- Lembro que o filósofo, ensaísta e dramaturgo francês Albert Camus (1913-1960) costumava dizer que leva uns dez anos para que consigamos nos apropriar de uma ideia e passar a viver de acordo com ela, tal qual ela nos exige. É justamente isso. Trata-se de viver de acordo com a consciência, portanto. Ou melhor, de viver à altura de nossa consciência. Você está à altura de sua própria consciência? Eis a pergunta que faço para mim e que farei para quem quiser ouvir.

- Esse seria o norte para um estudo de Filosofia. Aparentemente, seus temas podem sugerir uma distância muito grande desse norte. Mas, com o tempo, com o tempo dedicado aos estudos, as aparências dissolvem-se e um sentido começa a aparecer.

- Por exemplo?

- Assim, uma discussão sobre geometria euclidiana de Galileu, Newton e Kant, nos leva a considerar nossa compreensão do tempo e espaço. Que por sua vez nos leva a considerar a existência de mais geometrias além da euclidiana – que nos leva a compreender então que há mais relações de tempo e espaço.... Até compreendermos que a experiência do tempo é intrinsecamente subjetiva – e por ser subjetiva – pode ser superada – e geralmente o é – por aqueles raros (não tão raros para alguns) momentos em que experimentamos a consciência da eternidade – de um presente com peso e harmonia tão intensos que desliga a consciência subjetiva do passado e do futuro. Filósofos, artistas notam isso: o amor que sentimos por alguém, o impacto de uma beleza sublime, a concentração alegre nas descobertas dos estudos, a mediação assim como a contemplação mística, tudo isso são exemplos de momentos de consciência da eternidade.

- Do mesmo modo, uma discussão ontológica sobre o ser, suas propriedades e suas relações. Tais como pensaram Aristóteles, para quem há dez categorias. Para Kant, há doze. Para Leibniz, não há relações, somente as mônodas. E, finalmente, para Hegel, só existem mesmo as relações. Tudo isso se torna nevrálgico, pois se valorizo o ser (substância) valorizo o indivíduo, se valorizado a totalidade, penso somente no coletivo. Se valorizo as relações, é nas instituições onde jogo minhas atenções. Tomar uma posição diante dessas questões irá influenciar de modo decisivo nossas relações conosco mesmo e com o mundo. O que noto, no entanto, é que esse tipo de decisão tão fundamental é tomada como uma quase infinita desatenção.

- Sem dúvida. Ficando ainda dentro do exemplo das decisões sobre questões metafísicas, tudo se complica com as escolas filosóficas que já negam a possibilidade da ontologia antes mesmo de pensar adequadamente sobre ela. Negam-lhe, portanto, validade. Assim pensam setores do neopositivismo, da filosofia analítica, do pós-modernidade de alguns idealismos, à esquerda e à direita.

- Isso porque o pensamento que diz que não há um ser, sem dúvida, já é um ser. Todo filósofo tem uma ontologia, portanto. Mesmo que os que a negam. Nesse caso sua ontologia é primitiva, isto é, é quase uma ontologia latente. Por quê isso acontece?

- Sabemos os motivos. Muitos autores pós-modernos, relativistas e desconstrucionistas proibem a ontologia por razões semânticas e linguísticas. Não poderíamos falar do ser, apenas do uso dessa palavra. “A mesa é feita de madeira”. Eis uma afirmação que faz sentido, para esses filósofos. Mas, se digo a mesa é um ser, eu não estaria falando de uma coisa real, mas apenas dando um nome para a palavra “mesa”. Essa é mais ou menos o argumento de Wittgenstein. E os pós-modernos franceses tais como Derrida, Deleuze e Foucault também pensam que a ontologia deve ser substituída por uma gramática geral. Que fazer diante disso?

- Penso que contra isso é preciso apresentar resultados. E, ao contrário do que Kant pensava, podemos dizer que a ontologia avançou. Ao menos, desenvolveu-se e ficou mais rica, isto é, com mais possibilidades de referências.

- Sim, Parmênides considera o ser como uma esfera, com uma realidade sem princípio nem fim, sem se transformar também. “O ser é”. Nada poderia se afirmar, nem pensar, para além dessa afirmação.

- Para Platão era preciso encontrar um caminho entre o ser e o não ser. A crítica das opiniões, ensinada por Sócrates, poderia separar a verdade da mentira, isto é, justamente entre ser e não ser. A esse caminho deu o nome de dialética. No entanto, Platão nos deixou um problema. Para cada coisa no mundo deveria havia uma ideia correspondente e isso proliferava talvez infinitamente as ideias de Platão.

- Foi então que Aristóteles resolveu esses e outros problemas de Platão. Fez crescer o respeito pelos fatos, de modo que a Filosofia deveria partir das experiências das realidades particulares. Organizou as perguntas sobre o ser. “O que é?” “Por que é?” “Qual seu sentido?” “Para onde vai?”. Ainda assim não ultrapassou a noção de ser como conceito. Pensar o ser continuou a ser quase uma tarefa puramente conceitual. Isto é, a ligação com a existência humana concreta, ainda que permitida por dedução das filosofias de Platão e Aristóteles, não estava suficientemente explícita.

- Sim, foram os filósofos medievais que conseguiram dar um passo a mais. Inspirados pela ideia da criação, tentaram superar a noção de ser como puro conteúdo conceitual. Era possível pensar conceitualmente o ser humano de carne, osso e espírito. Os medievais superaram o conceitualismo dos gregos. A partir daí compreendemos o ser como uma unidade de conteúdos variáveis.

- E a caminhada continuou e na modernidade, nasce o dualismo ontológico. Para Descartes, há a coisa externa, a *res extensa* e há a coisa interna, o *res cogitans*, isto é, o ser pensante. Mas, diante disso, ficou difícil tentar compreender como funciona a relação entre esses dois seres essencialmente diferentes. Como se relaciona então espírito (*res cogitans*) e matéria (*res extensa*)? Descartes pensa que a solução recai em um Ser mais externo ainda há esse dois, que garantia a correspondência entre ambos. Ainda assim, certas perguntas continuam. Qual seria a relação de fato, de maneira mais detalhada, entre espírito e matéria? Como a dor no meu corpo pode “doer” em meu espírito e vice e versa? Como a vontade (espírito) consegue mover minha perna (matéria)? E assim por diante.

- É então que começam surgir as primeiras explicações. Temos o ocasionalismo de Malebranche, o monismo de Espinosa e a Harmonia pré-estabelecida de Leibniz. Essas três filosofias tentavam responder o problema do dualismo (grosso modo) da mesma maneira: o conhecimento racional do mundo é possível porque o ser do mundo é racional, e está sob a necessidade divina.

- Por outro lado, a “solução” do empirismo para os problemas trazidos pela ontologia moderna seria simplesmente combater o que considerava a raiz do problema, a própria ontologia. Reduzindo seu tamanho (Locke e Berkeley) ou simplesmente negando a existência (David Hume) o empirismo combateu duramente a ontologia. O resultado foi conseguir lhe atribuir a fama de matéria que dá mais problemas do que soluções.

- Kant tenta sintetizar as duas posições, entre o racionalismo de Descartes e suas variações, com a postura empirista. Para Kant há conhecimento *a priori*, mas somente de nosso próprio entendimento. Isto é, conhecemos com propriedade nossa capacidade de conhecer, mas não conhecemos de fato como é a realidade fora de nós.

- Foi aí que Hegel tenta superar esse idealismo. Para ele, “o ser em si” é um conceito sem conteúdo, fora do alcance do sujeito. É o próprio pensamento que emerge como sujeito e como objeto por meio da dialética. Assim não é necessário pensar que a existência é uma

realidade exterior. Tudo que acontece, na história de nossa vida e da humanidade, já é essa realidade.

- Ainda no século XIX, o filósofo dinamarquês Kierkegaard pensa que não há como pensar o ser por meio de um sistema. Resta-nos experimentar a existência desse ser que somos. E comunicar isso de forma indireta. Em nosso ser, está a síntese do infinito e do finito, do eterno e do temporal. Assim, temos que manter a existência e a transcendência numa tensão, num equilíbrio, pois ambas são importantes e necessárias. Assim, a ontologia passa ser uma reflexão da atitude diante da vida.

- Já no século XX, Heidegger retoma a ontologia dessa maneira. O ser é essencialmente *estar no mundo*.

- É aí que da Esfera de Parmênides, chegamos a eu e você, tomando café quente numa manhã fria. Se há um progresso linear, isso é profundamente discutível e até improvável. Mas, que há um enriquecimento dessa experiência metafísica, que ela toma novas perspectivas e permite uma expansão de nossa consciência sobre o ser, como isso poderia ser negado?

- E o mesmo ocorre com as outras questões filosóficas essenciais. Ao nos perguntarmos sobre a natureza da verdade, estamos falando de ontologia. Ao nos perguntarmos sobre a como podemos atingir a verdade, estamos falando de possibilidade de conhecimento, isto é, de epistemologia. Se nos perguntarmos sobre o sentido da verdade, então estamos fazendo uma pergunta de semântica ou de filosofia da linguagem. Se nos perguntamos sobre as condições de um enunciado verdadeiro, então estamos no terreno da lógica.

- Mas, cada uma dessas questões depende uma das outras, não é mesmo? Como podemos falar e nos debruçar sobre a ontologia sem nos debruçar, por exemplo, na compreensão sobre o que é a verdade, sobre o que é dizer a verdade?

- Vou tentar responder dizendo que as questões são dependentes umas das outras. E diante disso seria preciso um esforço conjunto dos pensadores e das pessoas amantes de sabedoria. Isso de maneira alguma seria tarefa para apenas um homem. Certo que Descartes pode ter razão que a solidão de sua cabana pode ser um local ideal para se pensar. Mas, daí concluir que esse homem sozinho pode pensar sobre todas essas questões já vai um longo

passo. Saído de sua reclusão da cabana, esse pensador poderia encontrar outros que estavam debruçados sobre o mesmo (ou outros) problemas. E, então, comunicar suas descobertas (sim, descobertas) para dar chance de um diálogo, no sentido forte da palavra, isto é, no sentido que Sócrates dava, no sentido que Platão desenvolveu e no sentido que Aristóteles aperfeiçoou, tornando explícita: a dialética, a confrontação de diferentes posições para uma depuração contínua e sucessiva em buscar de uma sabedoria mais próxima da verdade possível.

- Mas, para isso deveria de haver um mínimo de acordo entre as partes. Esse mínimo acordo recairia na possibilidade, ao menos na possibilidade, de que um conhecimento mais verdadeiro é possível e que pode ser comunicado. Esse mínimo de acordo garantiria que opiniões conflitantes poderiam ao menos ser comparadas e discutidas. Seria uma organização mínima a até mesmo para entender onde está a desorganização. Uma ordem mínima para entender mesmo onde está o caos. É necessário aceitar um critério de excelência, ainda que aproximado, para ao menos conseguir caminhar, construir, pensar qualquer coisa. Aristóteles já nos ensinava isso em *Metafísica*:

A investigação da verdade é, por um lado, difícil, e por outro, fácil. Uma indicação disso reside no fato de que ninguém é capaz de alcançar a verdade de forma adequada, enquanto, por outro lado, nós não falhamos coletivamente. Todos dizem algo de verdadeiro sobre a natureza das coisas, mas individualmente contribuimos pouco ou nada para a verdade. Assim, pela união de todos, uma quantidade considerável de verdade é acumulada¹⁸.

- “Uma união de todos”, veja bem. É preciso de um consenso mínimo, portanto, para que essa união seja possível. Albert Camus fala sobre isso também. Não sabemos tudo. Mas, também não sabemos nada. Sabemos o suficiente para sabermos que conhecemos muito pouco. Nessa consciência da ignorância, isto é, nesse conhecimento de nossa finitude intelectual, é que reside nosso ponto de partida para um real, mas real mesmo, troca de ideias e esforço dialético para nos tornarmos menos ignorantes, e com sorte, mais próximos de um conhecimento verdadeiro.

¹⁸ ADLER, J. Mortimer. *Como pensar sobre as Grandes Ideias. A partir dos grandes livros da civilização ocidental*. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda, 2013. Pg. 530.

- Entendo. O problema está justamente então nesse mínimo de acordo. Ao que parece, não estamos desejosos nem mesmo desse mínimo acordo.

- Eis talvez um dos maiores obstáculos. Negar já de saída, *a priori* mesmo, que possamos sequer conversar. As filosofias que defendem que não é possível conhecer nada, portanto, nem comunicar, por conta desse ou de outro fato, são talvez o maior obstáculo para uma busca fraternal de conhecimento.

- As filosofias que dizem que a Verdade não existe, existe somente a luta política também não ajudam em nada.

- Sem dúvida. Ainda assim, há quem diga que são essas filosofias, essas posições são justamente aquelas “posições contrárias” para que a própria dialética se realize.

- Certo, elas realmente podem ser trazidas até a mesa de discussão, digamos assim. Mas, a partir do momento em que aceitam ser trazidas à mesa de discussão é que aceitam que é possível discutir e que, portanto, a posição de estar totalmente fechadas ao conhecimento verdadeiro deve ser relativizada. Isto é, a partir do momento que essas filosofias vêm para a mesa de discussão deixam automaticamente de ser uma posição radical contrária ao conhecimento. Porque ao menos, pode-se saber que não conhecemos. E isso já é conhecimento. Não consigo dizer mais do que isso para esclarecer a questão. Sou obrigado a dizer que se o diálogo não é realizado atualmente, isso se deve muito mais por uma questão de vontade, do que propriamente filosófica.

- Isso quer dizer que não dialogamos juntos e em busca de conhecimento simplesmente porque não queremos?

- Sim, é isso. Ou pelo menos, uma boa parte de nós não quer. A quantidade daqueles dispostos varia com o tempo. Penso que vivemos num tempo onde essa quantidade de pessoas negando o diálogo é a maioria.

- Ok. Voltemos a ela.

- As posições que conhecemos sobre a verdade convergem para a teoria da correspondência entre enunciado e mundo. Se enunciado e mundo corresponderem, então, temos uma verdade. Isso se manteve mais ou menos inalterado desde Platão até meados do século XIX. Quando surge o pragmatismo de Charles Peirce (1839-1919), William James

(1842-1910) e John Dewey (1859-1952). De acordo com o pragmatismo, a verdade é aquilo que é confirmado por um teste. Aquilo que é verificável. A mensagem dessa filosofia é que é preciso ser pragmático. Nesse caso, nem se poderia mais falar em verdade, mas em assertividade garantida.

- Entendo.

- Ainda assim, tais conclusões não implicam que a verdade seja relativa. A verificação está incluída dentro do conceito de correspondência, portanto não o suprime, muito menos o engloba. O diálogo ainda é possível. A perda da verdade como norte nos leva a focar em qualquer outra coisa que não ela mesma. Leve-nos focar, por exemplo, no discurso pelo próprio discurso, em sua forma, em suas premissas, em suas ideologias, mas quase nunca em sua remissão à realidade. Essa remissão pode até eventualmente vir a acontecer, é claro, e até podemos dizer que a crítica do discurso serve ao propósito da verdade, como se quisesse limpar os obstáculos para observar essa última de forma mais clara. Isso parece ser correto, mas penso que não é o mote central dessas posturas sobre o discurso. O que chama mais atenção é que o mote central parecer ser mesmo forçar no discurso, nas suas inúmeras variações de significados, esquecendo-se de dar o próximo passo, a saber, perguntar se aquilo é verdadeiro ou não. Sem a verdade como norte, restam-nos várias outras possibilidades, todas elas, no entanto, mais degradantes, comparadas ao objetivo original de se pensar o verdadeiro. Sem ter a verdade como o norte, por exemplo, resta somente praticar o diálogo pelo diálogo, seja para vencê-lo, seja para fazer parte de um grupo que usa o mesmo discurso que você ou ainda para ganhar fama, dinheiro, poder, etc. etc.

- É verdade. Veja, Sócrates, Platão e Aristóteles (sempre eles) já denunciavam a atitude de ter razão a qualquer custo como erística. Tal atitude se reflete em qualquer argumentação que vise tudo, poder, fama, dinheiro, prazer, tudo, menos a verdade. A erística é a finalidade da sofística. A verdade é finalidade da filosofia. Nas *Refutações Sofísticas* Aristóteles se esforça para demonstrar a falsidade das conclusões erísticas. Séculos depois Schopenhauer (1788-1860) escreveu *Como Vencer um Debate Sem Precisar ter Razão* e nessa obra identificou dezenas e dezenas de estratégias lógicas que usamos para enganar os outros e principalmente a nós mesmos

-Será que isso quer dizer que sem a verdade como norte, o que nos resta é contar mentiras?

- Por um lado, sim. É claro que há mentiras em toda parte. (O que não significa que só existem mentiras). Mas, perder a verdade como norte nos leva a uma situação ainda pior do que essa. Dizer mentiras ainda implica um conhecimento da verdade, e uma ocultação dessa última de forma consciente. O pior cenário é o do discurso completamente já desconectado da realidade. Tão desconectado que nem sequer se lembra que há uma realidade a qual ele deveria se referir. Veja, já nem se trata mais de uma postura que nega conscientemente a compressão da realidade. É uma consequência em longo prazo dessa última. É a consequência do quase total esquecimento da realidade. É um discurso ainda mais obscuro do que o sofisticado. É uma embromação, um embuste, um papo furado, todos vestidos das mais bonitas formas do discurso. Esse embuste já nem lembra mais de levar verdade em consideração. Supõe que isso já é uma questão superada. Ele se coloca como autossuficiente em seu conhecimento superficial dos fatos.

- Faz sentido, pois a mentira ainda reconhece o poder da verdade. Por isso, esconde-a. A embromação, o embuste, despreza a verdade, e muitas vezes, no pior dos casos, nem sequer sabe de sua importância. A embromação é, portanto, mais inimiga da verdade que a própria mentira.

- Isso. Penso que muitas vezes essa embromação está recheada, está sustentada, está como que fundamentada por aquelas que filosofias que afirmam que não há verdades. Ainda que de forma superficial (tudo é superficial na embromação), o embromador tem como nunca teve, instrumentos valiosíssimos de sustentação de sua própria superficialidade. É como uma erudição superficial para legitimar falsidades. É uma aquisição de uma cultura mediana em vista preparação de uma imagem de profundidade de pensamentos embromadores.

- Sim, Ortega y Gasset (1883-1955) falava sobre isso nas primeiras décadas do século XX com seu conceito de “homem-massa”. E também o quase completamente esquecido filósofo tcheco Thomás Masaryk (1850-1937). Esse último identificava algo semelhante quando afirmava que muitas das doenças do mundo moderno poderiam ser atribuídas aos que ele chamava de homens semieducados, semidoutos, ou como uma educação pela metade. Para esses homens, toda a fé deveria ser colocada em dúvida, toda moral relativizada e todo

contentamento deveria ser destruído por meio de um criticismo sarcástico. Isto é, eram educados o bastante para questionar os fundamentos da ordem social mas não educados o bastante para sustentá-las.

- E ao que parece os embromadores e os sofistas nunca estiveram tão preparados, tão poderosos, tão presentes em setores chaves do poder, da educação, da cultura... Poderosos não porque seu conhecimento aumentou, mas justamente **porque diminuiu a presença das armas que poderiam denunciá-los e combatê-los**, a saber, os homens com uma educação completa; os homens que se dedicam à busca responsável pela verdade, isto é, os filósofos.

- Sim, a guerra cultural que se iniciou quando Platão identificou, denunciou e confrontou abertamente os sofistas, ainda permanece como se tivesse acabado de começar. Confesso que posso estar sendo apenas apreensivo porque se trata de minha época. Em todas as épocas essa batalha se travou, Com Platão, com Agostinho, com Erasmo (*Elogio da Loucura*), com François Rabelais (*Garnântua e Pantagruel*), e até nosso século (*On Bullshite*, de Harry Frankfurt). Mas penso que é nossa hora de ficar apreensivo. E que até mesmo não ficar apreensivo seria uma espécie de imprudência.

- E o que vou fazer agora?

- Agora penso que é preciso tomar uma decisão. Reorganizar meus estudos para decidir se continuarei no campo da Filosofia ou se vou deixar essa empreitada para outros mais capacitados do que eu. Ou melhor, com uma disposição psíquica natural para a Filosofia. Pois, há outras formas de se participar da caminhada pela Verdade. Mas vamos falar disso em outra ocasião.

Capítulo 2 – Conclusão em duas partes. Diálogo consigo mesmo. Parte II.

- Por que fiz isso?

- O que fiz até aqui foi vivenciar um processo de experiência saindo do ponto inicial mais ingênuo. Relativamente perdido dentro do vórtice dos acontecimentos, cheguei a um ponto em que foi preciso ao menos relatar o que aconteceu para tentar compreender o percurso. Trata-se de uma contribuição de um relato de experiências e reflexões. Quanto ao resultado disso para mim, bem, não necessariamente continuarei nessa caminhada. É preciso um autoconhecimento de sua própria disposição de espírito para saber que rumo tomar. Para ser mais específico, é preciso compreender um pouco mais o que é a Filosofia para saber se realmente quero participar pela busca de sabedoria por meio dela; ou ao menos exclusivamente dela.

- Max Scheler (1874-1928), filósofo alemão em seu livro, da *Essência da Filosofia* (1917) pode ajudar a esclarecer esse assunto.

- Parece que sim. Segundo ele, os filósofos antigos haviam descoberto o objeto da Filosofia num determinado domínio do *ser*, e não, como a Filosofia da época moderna de orientação essencialmente "gnosiológica", isto é, em um *conhecimento* do ser. Os antigos sabiam que o possível contato do espírito com esta região do *ser* está ligado a um determinado ato da personalidade total.

- Personalidade total?

- Sim, ao que parece, envolve você todo. No sentido intelectual, moral e espiritual.

- Este ato, que aqui se deve investigar com maior precisão, era para os antigos, primordialmente, um ato moral. Era um ato por meio do qual se devia eliminar de antemão uma inibição do espírito para tornar possível o contato com o domínio do ser genuíno como ser da Filosofia. Segundo Scheler, Platão tentava ensinar esse ato aos seus alunos por meio de imagens como "o movimento das asas da alma", um ato do ímpeto do cerne da personalidade para o essencial. Esse ser "essencial" não é um objeto particular ao lado dos objetos empíricos, mas o essencial presente em todas as possíveis coisas particulares.

- Desse modo, pode-se dizer que a Filosofia Antiga parte da estupefação diante da realidade do *ser*. Admiração pela existência, espanto diante do reconhecimento de que o mundo existe. Em contrapartida é o reconhecimento do fato de que o nada não é. Isto é, o reconhecimento do nada absoluto que, a princípio, poderia existir, mas que não existe, e que em seu lugar, há o *ser*. Isso significa que sem passar pela compreensão o nada absoluto não se consegue entender a estupefação antiga (e também medieval) diante da existência de tudo e de todas as coisas. Essa estupefação dos antigos implica uma relação intelectual e concomitantemente amorosa com esse ser que existe.

- Intelectual e amorosa.

- Sim. A Filosofia se coloca assim como amor a esse *ser* que existe. Filósofo é aquele que busca participar da essência de todas as coisas por meio do conhecimento.

- Podemos nos perguntar se é possível participar dessa essência por outras maneiras?

- Sim. Scheler pensa que o mesmo acontece, por exemplo, pelo amor total, no sentido cristão (de São João – *Deus é Amor*). Outro exemplo, se a essência é o sonho de Brahma (hinduísmo), então, iremos participar da essência por meio da participação desse sonho, e assim por diante. A Filosofia, no entanto, é uma participação nessa essência por meio do conhecimento. Ela necessita então de uma atitude espiritual, que irá ao encontro da essência de todas as coisas, mas por meio do conhecimento.

- Desse modo, posso dizer então que não se pode subtrair da filosofia nem mesmo sua atitude espiritual nem seu aspecto intelectual.

- Certamente. É possível que o filósofo tenha que abandonar sua participação pelo conhecimento, devido justamente a suas próprias descobertas intelectuais. Por exemplo, numa conversão religiosa. Mas isso não exclui o fato de que ele teve que percorrer o caminho do conhecimento, o caminho pelo conhecimento.

- E agora irei participar dessa “essência” pelo conhecimento?

- Ao que parece, percebo que ainda existe esse desejo em mim. No entanto, não é o único, mas o que for acontecer certamente será uma história, e essa história é algo que desejo contar.

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Mortimer J. *Como pensar sobre as grandes ideias*. São Paulo: É Realizações, 2013.
- AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ARONSON, Ronald. *Camus & Sartre: o polêmico fim de uma amizade do pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- ASPIS, Renata Lima, GALLO, Silvio. *Ensinar Filosofar. Um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- BORNHEIM, Gerd A. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. 3. Ed. São Paulo: Globo, 2009.
- CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CAMUS, A. *O homem revoltado*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CARVALHO, Olavo de. *A Filosofia e seu inverso*. São Paulo: Vide Editorial, 2011.
- CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o homem. Introdução a uma Filosofia da cultura humana*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CHÂTELET, François. *História das ideias políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- DESCARTES, René. *Regras para orientação do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DELEUZE, G. *Que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora. 34, 1992.
- FERRY, L. *Aprender a viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- FERRY, L. *Famílias, amo vocês: política e vida privada na época da globalização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- FERRY, L. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FERRY, L., SPONVILLE, A. C.. *A Sabedoria dos Modernos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAARDER, Jostein *O mundo de Sofia: romance da história da Filosofia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995

GONÇALO, Armijos Palacios. *De Como Fazer Filosofia Sem Ser Grego, Estar Morto ou Ser Gênio*. Editora UFG: Goiânia, 2004.

GOETHE, J. W. v. *Os anos de aprendizados de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HENRIQUES, Mendo. *Olá, consciência!* São Paulo: É Realizações, 2013.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. 353ª edição. Araras, IDE, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Elogia da Filosofia*. Lisboa: Guimarães, 1998.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da Filosofia; dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ORTEGA y GASSET, José. *História como sistema. Mirabeau ou o político*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. 7 volumes: Filosofia Pagã antiga (2003); Patrística e Escolástica (2003); Do Humanismo a Descartes (2004); De Spinoza a Kant (2004); Do Romantismo ao Empiriocriticismo (2005); De Nietzsche à Escola de Frankfurt (2006); De Freud à atualidade (2006). São Paulo: Paulus.

PLATÃO, *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade: uma introdução à Filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

RUSSELL, B. *Fundamentos da Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

- SAVATER, Fernando, *As perguntas da vida*. 2ª Edição. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- SCRUTON, Roger. *An intelligent person's guide to philosophy*. New York, Penguin Group, 1996.
- SOKAL, Alan. *Imposturas Intelectuais*. 1ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- SPLITER, Laurance J.; SHARP, Ann Margaret. *Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- SPONVILLE, A.C. *Bom dia Angústia!* São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SPONVILLE, A.C. *A Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SPONVILLE, A. C. *Apresentação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SAVATER, Fernando. *Política para meu filho*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.
- SAVATER, Fernando. *Ética para meu filho*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.
- VOEGELIN, Eric. *Reflexões autobiográficas*. São Paulo: É Realizações, 2007.

Anexos / Restos

- Que fazer para não cair nessa armadilha?

- É preciso se perguntar sempre: de onde vêm as premissas? Essa é pergunta filosófica fundamental. As premissas nunca são obtidas logicamente. Mas sim por dedução e por indução.

- Certo, mas aí o que garante a indução?

- Eis outra pergunta filosófica fundamental. Com ela, coloca-se o problema da integridade daquele que conhece. Eis o grande primeiro tema filosófico, e não a formação lógica. Um raciocínio formalmente perfeito, mas como que descolado da realidade tem uma consequência funesta. Faz com que o indivíduo não perceba que está mentido para si mesmo. Faz com que o sujeito coloque a lógica no lugar da memória. Não por acaso, o processo socrático é um processo de recordação. Recordar que se tem uma alma, ansiosa pela verdade. Isto é, é preciso voltar à experiência real tal como ela chegou a você e não como você a elaborou. Eis, por exemplo, as aspirações da fenomenologia de Husserl. No entanto, a fenomenologia parece ficar mais concentrada como uma técnica de técnica de investigação, deixando pouco explícita a técnica pedagógica. Portanto, para responder essa pergunta filosófica fundamental é necessário passar pela formação do filósofo. E essa é a formação de buscador da verdade. É a formação de um homem maduro, paciente e pronto para o estudo. Um homem maduro não significa aquele que possui a sabedoria, mas aquele que está pronto para começar a buscar

Sem ter ninguém para conversar, pelo menos ninguém que estivesse disposto a verdadeiramente ouvir, William acabou indo se sentar na poltrona de um consultório de psicanálise. Depois de alguns meses conversando com a profissional, William começou a esboçar uma resposta suas perguntas.

- O que fazer para me dedicar a algo a qual não tenha aversão?

- Certo. Essa é a pergunta com qual você quer começar hoje? – disse a psicóloga.

- Sim. E percebi que psicologia foi a primeira resposta. Reconheci que gostava, que era natural para mim tentar compreender os motivos que levavam as pessoas a fazer o que faziam. No entanto, se a psicologia me fornece um método de compreensão de certas razões do comportamento,

tenho uma difusa intuição de que a psicologia não irá, pois nem sequer deseja fazer isso, ir até o cerne da questão.

- E qual é o cerne da questão?

- De que precisamos depois de satisfeitas as necessidades? De compreender quem somos de forma radical. Radical no sentido de raiz da questão. Para mim, não basta saber que agimos de tal maneira por conta de traumas de infância. Minha pergunta é anterior. Ela é mais ou menos o seguinte: “ainda que o trauma de infância seja um fato, o que permitiu que as leis do universo fossem de tal maneira que um trauma da infância poderia surtir efeito na vida das pessoas adultas?”. Essa é uma pergunta radical, pois sua resposta repousa além das explicações da própria psicologia. Está antes da configuração das leis da própria psicologia. Está, em suma, anterior a elas, fundamenta-a, lhe dava raízes, enfim, era lhe transcendente. Era uma pergunta, enfim, metafísica. Uma pergunta filosófica metafísica.

- Metafísica, você diz?

- Sim, metafísica. De uma forma estranha, eu relaciono essa radicalidade da pergunta com uma sensação radical de liberdade. Depois anos ouvindo coisas, lendo coisas, sendo apresentando a coisas sem poder, *sem sequer saber que era possível fazer esse tipo de pergunta...* Agora entendo que posso perguntar de forma finalmente radical: por quê? De onde veio tudo isso? Porque se deveria estudar cada coisa, como se decorando fórmulas infundáveis, como quem coleciona selos que nem sequer são raros, sem antes saber o fundamento daquilo tudo? Sua origem, enfim, sua razão? É uma sensação de oxigenação no cérebro fazer essas perguntas. Sinto que volto para meu devido lugar; que coloco a cabeça no lugar. Sinto que coloco o coração perto da cabeça e cabeça perto do coração. Se isso não me produz respostas, produz uma sensação de viver uma experiência autêntica.

- Onde você aprendeu isso? Na escola?

- A experiência com a Filosofia em sala de aula, estranhamente, não me ajudou muito nisso. Eram aulas difusas, sobre temas difusos. Lembro-me de ouvir falar sobre Maquiavel na sala de aula. Mas o professor me ensinou que, ainda que tenha desenvolvido importantes temas para a Filosofia em geral e para a política em particular, o próprio Maquiavel nem se colocava como filósofo no sentido clássico da palavra. Ou seja, era como ter uma experiência da Filosofia por meio de uma pequenínssima parte de sua história. Uma parte que, descolada do todo, não conseguia transmitir de forma claro o espírito da Filosofia, ou ao menos, aquilo que ele considerava ser o espírito da Filosofia.

- Sobre essa aversão. De onde você tirou isso?

William respondeu por algum momento.

- Então, como você entrou em contato com o que você considera ser o espírito da Filosofia?

Mas, isso é mesmo uma consequência provinda dessa pedagógica que você me apresentou?

- é preciso estudar isso com mais calma, mas parece fazer sentido. Uma relação entre resumir a filosofia como criação de conceitos e um apartamento de realidade. Veja o comecei a ler por um acaso.

Descobri que as ideias eram um desenvolvimento conceitual secundário, que começou com os estoicos, ganhou força na Alta Idade Média e se generalizou a partir do século XVIII. AS ideias transformam os símbolos, que existem para expressar experiências, em conceito; os conceitos são encarados como se tivessem por referência uma outra realidade que na realidade da experiência. E essa outra realidade, que se pretende distinta da realidade da experiência, não existe. Desta feita, as ideias são responsáveis por deformar tanto a verdade das experiências quanto sua simbolização.

VOEGELIN, Eric. *Reflexões autobiográficas*. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda, 2008. Pg. 120.

Até chegar ao conceito, portanto, há um longo caminho. Primeiro há experiência vivida. Segundo, o símbolo vem para expressar essas experiências. Já as ideias tentam transformar os símbolos em conceitos. Quando estamos no conceito já estamos longe da experiência vital que lhe deu origem. Tomá-lo isoladamente, ou até pior, toma-lo como única realidade, ou aquela realidade que define mesmo a própria filosofia, é recusar-se a remeter a realidade da qual esse conceito partiu. Temos aí uma grande dificuldade, ou melhor, um grande perigo. Colocar o conceito como uma espécie de opinião bem elaborada, que, após ser devidamente compreendida (apenas como conceito), ser articulada, contextualizada, virada de um lado par outro, para se adaptar conforme critérios mais

ou menos subjetivos em um discurso. Em suma, corre-se o risco grande de fazer de conceitos objetos de retórica, de uma sofística sofisticada, que acumulam no caminho como obstáculos que pouco a pouco fazem esquecer a realidade primeira, a experiência vital que é sua origem.